SABER Cooperar
A revista do cooperativismo

Ano VIV – Nº 29 // MAI/JUN/JUL 2021

SistemaOCB
CNCOOP - OCB - SESCOOP

Uma família salva pela cooperação

Especial
Erlane (foto) teve a vida melhorada pelo cooperativismo

Intercooperação
Paraná é exemplo para o país

Conexão Startup
Programa levará inovação às coops brasileiras

O cooperativismo está em toda parte. Está no alimento que você come e em todo o caminho que ele percorre até chegar na sua mesa. Está também no transporte que você usa, nas viagens que você faz, na indústria e até na geração de energia elétrica. É um modelo de negócio que gera renda para muita gente. É desenvolvimento econômico e também social. É crescer junto: pessoas, cooperativa e a comunidade inteira. Os cooperados? São mais de quinze milhões de brasileiros.

O Guga já faz parte. E você também pode fazer.

Acesse nossas redes e descubra o que mais o coop pode fazer por você e pelo país.

Números

Essa edição da **Saber Cooperar** conta com

34 cooperativas citadas de

9 estados brasileiros das

5 regiões do Brasil.

6 ramos do cooperativismo representados:

- Agropecuário
- Crédito
- Infraestrutura
- Saúde
- Transporte e Trabalho
- Produção de Bens e Serviços

COMO ACESSAR OS RECURSOS MULTIMÍDIA

Tendo o aplicativo de *QR Code* instalado em seu celular, basta abri-lo e direcionar a câmera do aparelho em direção ao código.
Escaneie e espere o aplicativo direcioná-lo para o conteúdo.

O COOP Transforma vidas

Amigo cooperativista,

Esta edição da Revista Saber Cooperar falou alto ao coração deste fiel aliado da intercooperação. Que maravilha encontrar, aqui, histórias como a da Coopercaf, uma cooperativa de transporte que nasceu para atender outra cooperativa: a Copacol, que eu considero uma das principais referências brasileiras de intercooperação do país. Aliás, o Paraná tem centenas de histórias inspiradoras de alianças entre cooperativas para contar, como vocês verão na matéria *Via de Mão Dupla*.

Outra história que mexeu comigo foi a da mulher que estampa a capa desta edição: Erlane Mariana dos Santos, 28 anos, uma cooperada que encontrou — também no cooperativismo — o apoio de que precisava para enfrentar a pandemia da Covid-19.

A moça, cooperada da área de reciclagem, perdeu parte da renda mensal por conta do novo coronavírus. Ela só não ficou em uma situação complicada porque as outras cooperativas da região onde mora se mobilizaram para doar cestas de alimentos às famílias em situação de risco, como a dela. As doações foram realizadas por meio do Programa *Agro Fraterno* — uma iniciativa do governo federal que conta com o apoio da OCB. Nessas horas, o meu orgulho de ser cooperativista não cabe no peito. Sempre que vejo cooperados e cooperativas se unindo para ajudar o próximo, percebo que estou no lugar certo, com as pessoas certas e no único modelo de negócios que eu considero 100% justo e sustentável.

Esta edição traz, ainda, um perfil honesto do terceiro influenciador coop eleito por voto popular no Prêmio SomosCoop — Melhores do Ano: Marco Aurélio Almada, diretor executivo do Centro Cooperativo Sicoob. Em conversa com a nossa reportagem, Almada contou um pouco da sua infância, de como descobriu o cooperativismo e por que decidiu construir carreira no nosso movimento. Vale a pena conferir!

Para completar, fizemos uma matéria especial sobre o Dia C 2021, que mais uma vez foi realizado virtualmente por conta da pandemia da Covid-19. A distância não apagou o brilho do evento, que ultrapassou barreiras físicas para tocar os corações de milhares de cooperados em todo o Brasil. E é com uma música tocada no evento que finalizo esta mensagem: "Fé na vida, fé no homem, fé no que virá! Nós podemos tudo, nós podemos mais. Vamos lá fazer o que será".

Um forte abraço e boa leitura!

Márcio Lopes de Freitas
Presidente do Sistema OCB

ANO VIV • Nº 29 • JAN/FEV/MAR 2020
ISSN 2317-5109

SESCOOP
CONSELHO NACIONAL
• Márcio Lopes de Freitas – presidente

REPRESENTANTES OCB

Região Centro-Oeste
• Celso Ramos Régis – titular
• Remy Gorga Neto – suplente

Regiões Norte e Nordeste
• Ricardo Benedito Khouri – titular
• Malaquias Ancelmo de Oliveira – suplente

Região Sudeste
• Ronaldo Ernesto Scucato – titular
• Carlos André Santos de Oliveira – suplente

Região Sul
• Luiz Vicente Suzin – titular
• Leonardo Boesche – suplente

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas
• João Edilson de Oliveira – titular
• Luizita Fonseca Leite Pina – suplente

REPRESENTANTES DO EXECUTIVO

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
• Najara Flauzino Ferro – titular

Ministério da Economia
• Alberto Alves Silva de Oliveira – titular
• Andréia Lúcia Araújo da Crus de Carvalho – suplente
• Dênio Aparecido Ramos – titular
• Alex Pereira Freitas – suplente
• Thaisis Barboza de Souza – titular
• Roberta Carolina Rios Bosco Soares – suplente
• Carlos Felipe Alencastro F. de Carvalho – titular
• Joel Amaral Júnior – suplente

CONSELHO FISCAL DO SESCOOP
REPRESENTANTES DA OCB
• José Arilo Carneiro Pereira – titular
• André Pacelli Bezerra Viana – titular
• Ary Célio de Oliveira – suplente
• Jeferson Adonias Smaniotto – suplente

Conselheiros representantes dos empregados em cooperativas
• Evaristo Lunz Gomes – titular

REPRESENTANTES DO EXECUTIVO

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
• Paula Lobo Ferreira de Assis – titular
• Thiago Vinícius Pinheiro da Silva – suplente

Ministério da Economia
• Ricardo da Costa Nunes – titular
• Luciana Maria Rocha Moreira – suplente
• Alessandro Roosevelt Silva Ribeiro – titular
• Rogério Nagamine Costanzi – suplente

SISTEMA OCB

No Brasil, o movimento cooperativista é representado oficialmente pelo Sistema OCB, composto por três entidades complementares entre si:

- ✓ **Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop)** – órgão de representação sindical das cooperativas, composto também por federações e sindicatos.
- ✓ **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)** – entidade representativa do cooperativismo no país, responsável pela promoção, pelo fomento e pela defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais, no Brasil e no exterior.
- ✓ **Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop)** – integrante do Sistema S, responsável pela formação profissional, pela promoção social e pelo monitoramento das cooperativas.

A revista *Saber Cooperar* é uma publicação do Sistema OCB, realizada com recursos do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) e distribuída gratuitamente em todo o Brasil.

Gerente de Comunicação:

Daniela Lemke

Conselho Editorial:

Fernando Ripari, Juliana Gomes de Carvalho, Karla Oliveira, Malaquias Ancelmo de Oliveira, Maria José de Andrade Leão, Renato Nobile, Rosana Vargas, Samuel Zanello Milléo Filho e Tânia Zanella

Jornalista responsável: Gisele James

Colaboração: Gabriela Prado, Aurélio Prado, Ana Suelen Troiano e Iago Carvalho

Projeto editorial: Farol Conteúdo Inteligente

Edição: Guaíra Flor

Projeto gráfico: Chica Magalhães

Diagramação: Isabela Mota e Yago Mendes

Reportagens: Adriana Caitano, Débora Brito, Devana Babu, Fábio Fleury, Gabriela do Vale, Lucas Pavanelli, Morillo Carvalho, Paula Andrade, Renato Crozatti e Rosana de Cássia

Ilustrações: Kleber Sales

Revisão: Luciana Pereira

Impressão: Mais Soluções Gráficas Eireli ME

Tiragem: 12 mil exemplares

Sistema OCB: Setor de Autarquias Sul – SAUS Qd. 4 Bl. "I"
CEP 70070-936 – Brasília-DF (Brasil) – Telefone: +55 (61) 3217-2119
E-mail: revistasabercooperar@sescoop.coop.br

NESTA Edição

6
Entrevista
OPEN BANKING: AMEAÇA OU OPORTUNIDADE?

14
Conexão internacional
ONDE TUDO COMEÇOU

19
Inovação
CONEXÃO INOVADORA

28
Especial
UMA HISTÓRIA BRASILEIRA

34
Três Poderes
CONECTADOS PELO COOPERATIVISMO

38
Sementes
SONHOS RECICLADOS DURANTE A PANDEMIA

Perfil
COMO NASCE UM LIDER
44

62
Melhores praticas
PDGC: AVALIAR A QUALIDADE FAZ AS COOPERATIVAS CRESCEREM

Somoscoop
DIAS MELHORES PARA SEMPRE
54

Intercooperação
MÃO DUPLA
48

Open banking:

AMEAÇA OU OPORTUNIDADE?

CONHEÇA A OPINIÃO DOS DOIS REPRESENTANTES DO COOPERATIVISMO BRASILEIRO NO CONSELHO QUE DEBATE O ASSUNTO

Cesar Bochi, *diretor executivo de Administração e Finanças do Sicredi*

Márcio Alexandre, *superintendente de Tecnologia e Governança do Sicoob*

ILUSTRAÇÃO: KLEBER SALES

Por Paula Andrade

Grandes transformações tecnológicas envolvendo o sistema financeiro aconteceram no último ano. Primeiro, foi a chegada do Pix, que deu a todos nós a possibilidade de transferir dinheiro a qualquer hora e momento, na maioria das vezes sem precisar pagar tarifa alguma por isso. O próximo passo a ser dado é a implementação do open banking — tecnologia que permite ao correntista de uma instituição financeira (seja ele pessoa física ou jurídica) autorizar o compartilhamento de seus dados (pessoais e transacionais) com outras instituições financeiras. Dessa forma, ele poderá receber e aceitar propostas de produtos e serviços de instituições com as quais não tem vínculo.

Mas, afinal, quais são as vantagens do open banking para o cooperativismo financeiro? Quem nos responde essa pergunta são os dois titulares do cooperativismo no Conselho Deliberativo do Open Banking: Cesar Bochi, diretor executivo de Administração e Finanças do Sicredi, e Márcio Alexandre, superintendente de Tecnologia e Governança do Sicoob.

O open banking chegou com o status de transformação digital no sistema financeiro. Na opinião dos senhores, qual será o impacto dele na vida das pessoas e das instituições financeiras?

Márcio Alexandre: O open banking é a iniciativa de maior impacto sobre o Sistema Financeiro Nacional dos últimos anos. Enquanto o Pix revolucionou a indústria de meios de pagamento, o open banking abrange os principais produtos das instituições financeiras. Sem dúvida, o ponto mais positivo é o reposicionamento do cliente como autoridade máxima para decidir sobre quem pode ter acesso às suas informações.

A abertura dos dados financeiros dos clientes entre as instituições reguladas pelo Banco Central promete colocar em condições de igualdade novos entrantes e incumbentes, de forma que todos tenham as mesmas informações de seus clientes para oferecer produtos a preços mais justos, ou seja, o open banking promete combater a chamada assimetria de informação existente em nosso sistema financeiro. Por isso, os benefícios esperados são enormes, especialmente os ligados à inovação e à criação de ofertas e produtos sob medida; por outro lado, mesmo diante da adoção dos mais rigorosos padrões internacionais de segurança, a preocupação com abusos e fraudes continua sendo um grande desafio para essas instituições.

“O OPEN BANKING É A INICIATIVA DE MAIOR IMPACTO SOBRE O SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL DOS ÚLTIMOS ANOS.”

Márcio Alexandre,
superintendente de Tecnologia e Governança do Sicoob.

César Bochi: Acreditamos que o open banking trará benefícios aos consumidores a partir de uma maior competitividade e transparência, gerando mais equilíbrio entre as instituições financeiras. Com essa tecnologia — sempre mediante a autorização —, as cooperativas financeiras poderão ter acesso às informações dos consumidores e disponibilizar soluções mais adequadas a capa perfil.

Qual será o impacto dessa nova tecnologia nas cooperativas de crédito brasileiras?

M.A.: As cooperativas financeiras, que normalmente já praticam preços mais justos e conhecem bem a necessidade de seus cooperados, agora podem ter uma visão mais ampla de sua vida fi-

nanceira e, dessa forma, promover o aumento do engajamento do cooperado com a sua cooperativa. Por outro lado, os cooperados passam a estar mais suscetíveis ao assédio do mercado e podem ter suas margens ainda mais pressionadas.

C.B.: Acredito que o open banking trará novas oportunidades para que as pessoas conheçam os benefícios que as cooperativas de crédito oferecem, pois irá proporcionar um ambiente com mais informação, transparência e liberdade para escolha. Vai haver mais facilidade para quem ainda não é associado a uma cooperativa de crédito conhecer as vantagens do modelo. Assim, o open banking poderá fortalecer ainda mais o cooperativismo de crédito no Brasil, gerando mais inclusão financeira e contribuindo com o desenvolvimento econômico e social das comunidades.

Quais são os desafios de implementação do open banking dentro do ambiente cooperativista?

M.A.: Apenas as instituições classificadas como S1 e S2[1] são obrigadas a participar de todas as fases do open banking, ou seja, as cooperativas, de forma geral, são obrigadas a participar apenas da fase 3, que trata da iniciação de pagamento. Ainda assim, para aproveitar todas as oportunidades que o open banking pode trazer para o nosso modelo de negócio, pelo princípio da reciprocidade, elas precisam se adaptar e participar de forma voluntária de todas as outras fases.

Os esforços necessários para as cooperativas participarem do open banking em sua totalidade são enormes. Somente poderemos aproveitar os benefícios advindos da chegada do open banking se, além de nos prepararmos para compartilhar os dados de nossos cooperados, tivermos fôlego para criar iniciativas para se beneficiar das informações de seus cooperados em outras instituições.

C.B.: Acreditamos que o primeiro grande desafio é, além da tecnologia: criar uma cultura de inovação capaz de abarcar o open banking. É um processo desafiador para todas as instituições financeiras, pois mexe bastante na forma de gestão das informações, mas o esforço terá como recompensa um universo de novas possibilidades.

Quais oportunidades de negócio serão criadas pelo open banking para as cooperativas?

M.A.: As cooperativas, de forma geral, praticam preços mais justos e podem se aproveitar dos dados de movimentação de seus cooperados em outras instituições para reforçar o seu valor. Elas também poderão oferecer condições personalizadas para que seus cooperados possam substituir os produtos adquiridos em outras instituições para os existentes em sua cooperativa.

C.B.: O open banking tem entre seus objetivos a busca por mais competitividade no Sistema Financeiro Nacional, por meio da eliminação da assimetria de informações entre as instituições. Logo, a partir de um sistema financeiro mais transparente, em que o consumidor possui maior domínio sobre suas informações e fácil acesso à informação sobre produtos e serviços praticados no mercado, espera-se que esse movimento contribua para a redução da concentração bancária no Bra-

[1] As instituições supervisionadas no Sistema Financeiro Nacional (SFN) são classificadas em cinco segmentos, de acordo com seu porte, atividade internacional e perfil de risco. As S1 são bancos com atividade internacional maior ou igual a 10% do PIB e precisam ter alinhamento total com as regras de Basileia; as S2 são bancos de tamanho inferior a 10% do PIB e demais instituições com tamanho superior a 1% do PIB, e seguem em alinhamento total com as recomendações de Basileia, com exceções pontuais.

sil, pois, entre outros aspectos, vai haver maior visibilidade das condições praticadas pelas instituições.

Mesmo existindo desafios, o open banking trará novas oportunidades para que as pessoas conheçam os benefícios que as cooperativas de crédito oferecem, pois a perspectiva é de um ambiente com mais informação, transparência e liberdade para a escolha. Dessa forma, podemos fortalecer ainda mais o cooperativismo de crédito no Brasil, gerando mais inclusão financeira e contribuindo com o desenvolvimento econômico e social das comunidades.

Atualmente, das 834 instituições registradas no ecossistema open banking, mais de 600 são cooperativas. A que os senhores creditam tamanha adesão das cooperativas ao novo sistema?

M.A.: A definição da obrigatoriedade de participação das instituições em ao menos uma das fases do open banking foi estabelecida pelo Comunicado 36.480, de 4/12/2020. A participação voluntária das cooperativas relacionadas nesse comunicado se limita às fases I, II e IV **(veja quadro)**. Todas as cooperativas relacionadas no documento são obrigadas a se cadastrar desde o início no diretório do open banking, bem como participam do rateio das despesas da estrutura inicial estabelecida pelo Banco Central.

Ainda que a participação seja obrigatória basicamente para a

"AS COOPERATIVAS, POR CONHECEREM BEM SEUS COOPERADOS, CONSEGUEM PRATICAR CONDIÇÕES MAIS JUSTAS EM SEUS PRODUTOS."

Márcio Alexandre,
superintendente de Tecnologia e Governança do Sicoob.

"COM O OPEN BANKING, ESSE CONHECIMENTO SOBRE OS PRÓPRIOS ASSOCIADOS SERÁ AMPLIADO A PARTIR DO ACESSO, SEMPRE MEDIANTE AUTORIZAÇÃO, DOS DADOS DE EVENTUAIS RELACIONAMENTOS COM OUTRAS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS."

***Cesar Bochi**, diretor executivo de Administração e Finanças do Sicredi*

fase III — que permitirá que os consumidores tenham acesso a serviços de pagamento fora do ambiente do banco, e não apenas nos canais das instituições financeiras com as quais tenham relacionamento —, o que se observa é uma grande adesão voluntária das cooperativas, visto que o open banking se apresenta muito mais como uma oportunidade do que como uma ameaça para essas instituições.

O fato de uma grande quantidade de cooperativas serem detentoras de contas demonstra o nível de sofisticação e comprometimento em atender aos anseios de sua comunidade e, em sua grande maioria, sem deixar a desejar em relação aos serviços prestados pelas instituições financeiras tradicionais.

C.B.: As cooperativas de crédito brasileiras estão muito engajadas e atuantes no processo de implementação do ambiente de open banking do país. Isso acontece em

função da consciência sobre as possibilidades que essa novidade gera, tendo em conta a maior facilidade de conexão entre diferentes soluções, o que vai qualificar ainda mais seus portfólios, ainda com a vantagem de economia em custos de desenvolvimento.

Os senhores acham que o open banking vai tornar mais equânime o mercado entre as instituições financeiras e as cooperativas? Por quê?

M.A.: As cooperativas, por conhecerem bem seus cooperados, conseguem praticar condições mais justas em seus produtos. Com a chegada do open banking, elas passam a ter mais condições de personalizar produtos, praticando valores mais justos para um universo maior de pessoas e, desta forma, ampliando o alcance dos benefícios do cooperativismo financeiro.

As grandes instituições possuem informações acumuladas de um universo maior de pessoas por mais tempo. Nesse sentido, as cooperativas têm mais a aproveitar dos benefícios do open banking do que essas instituições.

C.B.: De forma geral, o open banking integra a Agenda BC#, que visa, entre outros objetivos, tornar o Sistema Financeiro Nacional mais democrático e inclusivo. Essa realidade também se reflete no Sistema Nacional de Crédito Cooperativo, pois permitirá que se façam mais parcerias e, assim, se amplie a oferta de soluções com custos menores para isso.

O open banking tornará disponível uma enorme gama de informações financeiras de clientes bancários por meio do compartilhamento de informações entre instituições financeiras. Como as cooperativas podem aproveitar esses dados de forma inteligente?

M.A.: As cooperativas, de posse de seus desafios, passam a contar com um leque maior de informações e podem encontrar diferentes formas de resolvê-los. Um bom exemplo disso é a avaliação de risco de seus cooperados, que passa a poder ser redesenhada considerando novas variáveis, antes inexistentes ou mesmo menos confiáveis.

C.B.: As cooperativas de crédito já se diferenciam pelo alto nível de conhecimento que têm sobre seus associados, o que permite hoje, por exemplo, um alto grau de acerto na concessão de crédito. Com o open banking, esse conhecimento sobre os próprios associados será ampliado a partir do acesso, sempre mediante autorização, dos dados de eventuais relacionamentos com outras instituições financeiras, o que permitirá aprimorar ainda mais o atendimento e a oferta.

Há algum tempo o mercado vem mostrando a importância do trabalho orientado por dados e, a partir disso, de profissionais que tenham essa aptidão, e o open banking evidencia ainda mais isso. Inicialmente, é necessário que sejam avaliados esses pontos para que se possa aproveitar as oportunidades geradas, que são

"DE FORMA GERAL, O OPEN BANKING INTEGRA A AGENDA BC#, QUE VISA, ENTRE OUTROS OBJETIVOS, TORNAR O SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL MAIS DEMOCRÁTICO E INCLUSIVO."

***Cesar Bochi**, diretor executivo de Administração e Finanças do Sicredi*

diversas. De forma geral, acredito que as cooperativas de crédito têm a possibilidade de conhecer ainda melhor seus associados, assim como clientes de instituições financeiras tradicionais podem ter acesso facilitado aos diferenciais das cooperativas, como taxas e condições atrativas. Também há muito espaço para as cooperativas realizarem parcerias que lhes permitam não só aprimorar as ofertas como também ampliar portfólio com investimentos e tempo de desenvolvimento provavelmente menores.

Quais são os desafios regulatórios de hoje para o open banking?

M.A.: Ao final da construção das fases previstas, o open banking brasileiro será possivelmente a mais ampla solução do tipo no mundo. E, provavelmente, também a feita em menor tempo. As instituições participantes são diversas em natureza, porte e estrutura, o que torna o desafio regulatório enorme.

Acomodar todas estas particularidades em tão pouco tempo tem sido um desafio que, até aqui, vem sendo bem conduzido pela estrutura inicial do open banking onde as cooperativas são representadas pela OCB com o mesmo poder de decisão que as grandes instituições financeiras.

C.B.: Acreditamos que, antes do lançamento do open banking, o ambiente regulatório foi adequadamente preparado. Os maiores desafios talvez passem mais pela adequação às mudanças do que às regras propriamente. A grande questão será garantir a privacidade dos dados de consumidores trocados pelas instituições financeiras. E, para dar as garantias legais a esse mercado em expansão, a criação da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), em agosto de 2018, foi fundamental. As regras da LGPD estabelecem procedimentos para o tratamento de dados pelas organizações e regulamentam processos que envolvam a utilização de informações pessoais, desde a maneira como são coletadas, classificação, utilização, processamento, armazenamento e compartilhamento, até a sua eliminação. Oferecem, assim, a base legal para que os dados dos titulares possam ser compartilhados entre instituições financeiras com segurança jurídica, e apresentam-se como um importante marco da evolução do ambiente regulatório do país. Consequentemente, a LGPD é um exemplo de medida favorável à implantação do open banking e outras inovações no SFN.

É claro que em um novo ambiente sempre vão surgir questões também novas, que acompanham o avanço da tecnologia e o comportamento das pessoas; então, é uma evolução constante, mas o Banco Central tem realizado os processos com muita profundidade e qualidade, o que dá segurança para as instituições e os consumidores.■

"ACOMODAR TODAS ESTAS PARTICULARIDADES EM TÃO POUCO TEMPO TEM SIDO UM DESAFIO QUE, ATÉ AQUI, VEM SENDO BEM CONDUZIDO PELA ESTRUTURA INICIAL DO OPEN BANKING ONDE AS COOPERATIVAS SÃO REPRESENTADAS PELA OCB COM O MESMO PODER DE DECISÃO QUE AS GRANDES INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS."

Márcio Alexandre,
superintendente de Tecnologia e Governança do Sicoob.

CONHEÇA O CRONOGRAMA DE IMPLANTAÇÃO DO OPEN BANKING NO BRASIL

O processo de implementação do open banking foi dividido em quatro etapas e teve início em 30 de novembro do ano passado. A conclusão está prevista para outubro de 2021. Confira:

FASE 1

Dados Públicos das Instituições Financeiras

Todas as instituições financeiras disponibilizam dados de forma padronizada. Nessa fase, devem ser disponibilizadas as informações de seus canais de atendimento e de seus produtos e serviços, incluindo as taxas e tarifas de cada item ofertado.

Para o cliente: podem surgir novas comparações de produtos e serviços financeiros, o que facilitará a escolha de produtos de acordo com as necessidades de cada cliente.

FASE 2

Compartilhamento de dados do consumidor

O consumidor poderá compartilhar seus dados (cadastros, transações em conta, informações sobre cartões e operações de crédito) com as instituições de sua preferência. Tudo é feito por meio de consentimento, que pode ser revogado a qualquer momento.

Para o cliente: novos produtos e serviços, mais personalizados e acessíveis, podem ser acrescentados. Mas o compartilhamento de dados entre instituições só será possível por meio de consentimento.

FASE 3

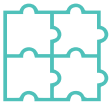
Serviço a escolha do consumidor

Os consumidores terão acesso a serviços financeiros como pagamentos e encaminhamento de propostas de crédito, sem a necessidade de acessar os canais das instituições financeiras com as quais eles já têm relacionamento.

Para o cliente: nesta fase, poderão ser enviadas e contratadas propostas de crédito de outras instituições de escolha do consumidor, que ganha autonomia no acesso a serviços financeiros.

FASE 4

Ampliação de dados, produtos e serviços



Inclusão de novos dados que poderão ser compartilhados, além de novos produtos e serviços, tais como contratação de operações de câmbio, investimentos, seguros e previdência privada.

Para o cliente: os consumidores passam a ter o controle do compartilhamento de uma gama maior de informações, o que pode levar à criação de produtos ainda mais personalizados para cada necessidade.

FONTE: Open Banking Brasil

Onde tudo começou

AS MAIS DE 7 MIL COOPERATIVAS DO REINO UNIDO SÃO REFERÊNCIA NO MUNDO QUANDO O ASSUNTO É EQUIDADE DE GÊNERO.

Por Gabriela do Vale

A Inglaterra tem 177 anos de tradição no cooperativismo. Foi lá, mais especificamente em Rochdale, que surgiu a primeira cooperativa do mundo (veja quadro). Apesar disso, nosso modelo de negócios ainda não é amplamente conhecido na terra da rainha Elizabeth, nem nas outras três nações que compõe o Reino Unido: País de Gales, Escócia e Irlanda do Norte.

"O cooperativismo tem se transformado em uma terceira via econômica ao longo da história, sendo uma alternativa justa e socialmente responsável ao capitalismo e ao socialismo. Acontece que ele ainda não é amplamente divulgado para a sociedade. Para ganhar mais espaço aqui na Grã Bretanha, seria importante dar mais publicidade ao movimento", afirma Rose Marley, presidente da Co-operatives — entidade de representação equivalente ao Sistema OCB no Reino Unido.

Como é possível perceber, o desejo de tonar o cooperativismo amplamente conhecido por sua capacidade de gerar trabalho, renda e felicidade para as pessoas não é um desejo apenas das cooperativas brasileiras, mas suas irmãs britânicas. Afinal, em momentos de crise como o que estamos vivendo — por conta da pandemia de Covid-19 — as pessoas ficam mais abertas a mudanças e passam a apostar em modelos de negócios capazes de reaquecer a economia. E o cooperativismo sempre fica mais forte em cenários como esse.

Quer uma prova? As coops britâni-

cas tiveram quatro vezes menos probabilidade de falir em 2020 do que outras empresas, de acordo com o anuário "The Co-op Economy 2021", divulgado pela Co-opertives do Reino Unido, no dia 28 de junho. Além disso, apenas 1,5% das cooperativas foram dissolvidas no ano passado, em comparação com 6,5% das empresas mercantis.

O relatório revela, ainda, que o número de cooperativas composto por membros de clubes esportivos comunitários, associações de habitação e de crédito, também está crescendo no Reino Unido. Para completar, a receita total do setor aumentou de 38,6 bilhões de libras para 39,7 bilhões de libras, um acréscimo de 2,8%.

"Historicamente, somos um modelo de negócios conservador em relação aos riscos do mercado financeiro. Quando a pandemia chegou, estávamos com a saúde econômica em dia. Foi esse conservadorismo que nos manteve vivos. Além disso, tivemos a união dos cooperados. A combinação de baixos níveis de dívidas e risco e a cooperação de todos foi fundamental para passar pela instabilidade econômica causada pela pandemia", destacou Ben Reid, CEO da Midcounties, maior cooperativa do Reino Unido, especializada na comercialização de produtos e serviços variados como alimentos, viagens e cuidado com crianças.

Diferenciais

Além de criarem oportunidade de emprego e renda, as cooperativas britânicas oferecem serviços de qualidade a custo competitivos. Um detalhe muito importante do movimento de cooperativas daquele país é a união, a força dos cooperados.

"Quando os problemas vêm, os cooperados se apoiam.

A pandemia reforçou a necessidade de cooperação e deixo à mostra as desigualdades. Foi um momento importante para as pessoas entenderem o movimento cooperativista e para a interação das cooperativas no Reino Unido", revelou Reid.

A fórmula da resiliência cooperativista está na união dos envolvidos. Segundo Rose Marley, da Co-operatives UK, as coops britânicas conseguiram se manter ativas e em crescimento durante a pandemia.
"As cooperativas são
negócios

EM NÚMEROS

Existem no Reino Unido

7.237

cooperativas que, juntas, melhoram as vidas de

13,9 milhões

de cooperados

resilientes e sustentáveis, que ajudam a reduzir as desigualdades sociais. Isto acontece porque tanto os cooperados quanto as cooperativas reinvestem o que ganham na economia local", explica Rose.

Além disso, sempre que ocorre uma crise econômica, as cooperativas têm o cuidado de pensar localmente. "Como as decisões nas cooperativas são tomadas pelos cooperados, que são pessoas da própria comunidade, eles priorizam o bem estar de todos e pensam sempre nos impactos de longo prazo de suas ações. Já investidores comuns, priorizam o lucro e tomam decisões com base em retornos a curto prazo. As cooperativas pacientemente acumulam, reinvestem as reservas e usam o capital dos membros sempre que possível, em vez de acumular dívidas para alcançar um crescimento mais rápido", esclarece.

Justamente por isso, nenhuma organização tem tanta capacidade de se adaptar aos períodos de recessão econômica como as cooperativas. O anuário "The Co-op Economy 2021" — produzido no Reino Unido — revela que as cooperativas têm mais chances de sobreviver nos próximos cinco anos do que outros modelos de negócio por colocar as pessoas em primeiro lugar.

"O coração de cada cooperativa sempre foi a ideia de que, ao nos unirmos, todos podemos melhorar nossa situação e garantir que ninguém seja deixado para trás", endossa Rose Marley.

Um pouco de história...

O Reino Unido é o berço do cooperativismo no mundo. Foi lá que nasceu essa filosofia transformadora, que mudou a forma como a humanidade busca o desenvolvimento econômico e valoriza as pessoas. O movimento cooperativista foi criado por um grupo de trabalhadores, em grande parte tecelões, durante a Revolução Industrial, como forma de sobreviver ao aumento do desemprego e aos baixos salários pagos pelas indústrias europeias.

Criada em 1844, por 28 operários – 27 homens e uma mulher -, no bairro de Rochdale-Manchester, no Reino Unido, a Sociedade dos Probos de Pioneiros Rochdale (Rochdale Quitable Pioneers Society Limited) foi a primeira cooperativa a surgir no mundo. Esse grupo se reuniu várias vezes durante um ano para definir os princípios de um novo sistema econômico, diferente das empresas existentes na época. O sucesso da iniciativa passou a ser exemplo para outros grupos.

O grande feito dessa organização foi ter redigido um estatuto social que estabelecia objetivos mais amplos para o empreendimento e definia normas igualitárias e democráticas para a constituição, manutenção e expansão de uma cooperativa de trabalhadores. Essas normas, depois de serem debatidas em congressos internacionais, foram adotadas universalmente como princípios cooperativistas.

Vale destacar: o cooperativismo desempenha um papel fundamental na trajetória dos países para um desenvolvimento sustentável e equitativo, que vai muito além da geração de empregos. Embora a participação das cooperativas ainda no produto e no número total de empresas seja relativamente pequena na maioria dos países, sua promoção e expansão pode ser um instrumento relevante para o cumprimento dos objetivos econômicos, sociais e ambientais do país.

Equidade de gênero

Outro diferencial importante do cooperativismo britânico: a forte presença de mulheres na liderança das cooperativas. De acordo com Rose Marley, no Reino Unido, esse é o modelo de negócios que têm mais líderes mulheres, seja no ramo crédito, agropecuário ou de pequenos negócios.

"No Reino Unido, nota-se uma presença maciça das mulheres nas lideranças das cooperativas. Isso tem a ver com o propósito e com a motivação das cooperativas", revelou.
Para reforçar esse dado, o Reino Unido conta com uma grande líder cooperativista e primeira mulher presidente da Aliança Cooperativa Internacional: Pauline Green, referência para o recém-criado Comitê Nacional de Mulheres Cooperativistas do Brasil.

De acordo com o Reid, a trajetória de Pauline é brilhante. "Ela atravessou o **'teto de vidro'**, porque conseguiu chegar onde nenhuma mulher tinha ido antes. O movimento cooperativista no Reino Unido tem como princípio a justiça em relação à raça e ao gênero. Pauline é a pessoa que concretiza esse princípio e torna-se uma inspiração para as mulheres no mundo. Como ela chegamos em um lugar muito melhor".

Adaptação

Desde o início da pandemia de Covid-19, s cooperativas britânicas tiveram de mudar a forma de realizar negócios. A maioria delas aderiu às novas tecnologias, como as plataformas de comunicação que viabilizam reuniões online, para manterem-se ativas durante o período de isolamento social, que foi bastante rígido em todo o Reino Unido.

Ben Reid, da Midcounties, destaca que essas ferramentas tornaram-se muito significativas por viabilizarem reuniões on-line entre os cooperados e entre os colaboradores de uma cooperativa. "Essas tecnologias permitiram que os negócios funcionassem de casa. Essa mudança foi positiva e será mantida, assim como o trabalho remoto em alguns casos", defendeu Reid, que também é membro do Conselho da Aliança Cooperativa Internacional (ACI).

A expressão teto de vidro faz referência às barreiras "invisíveis" que as mulheres enfrentam para crescer no mercado de trabalho, tal como o machismo e o preconceito contra o fato de serem mães.

Conexão INOVADORA

SISTEMA OCB LANÇA PROGRAMA PARA CONECTAR COOPERATIVAS A STARTUPS COM O OBJETIVO DE FORTALECER A CULTURA DA INOVAÇÃO NO COOPERATIVISMO E GERAR NOVOS NEGÓCIOS, COM REDUÇÃO DE CUSTOS, AUMENTO DE PRODUTIVIDADE, EFICIÊNCIA E FATURAMENTO.

Por Débora Brito

Trazer o novo à tona requer muito mais do que talento, disposição e recursos. Gerar ideias, criar soluções inovadoras para os dilemas de qualquer tipo de negócio passa inevitavelmente pelo compartilhamento de informações, conhecimento e experiências. Ou seja: inovar é também um processo de cooperação.

Pensando nisso, o Sistema OCB lançou o programa InovaCoop Conexão com Startups, em parceria com a Innoscience —consultoria especializada em inovação corporativa. A iniciativa pretende encontrar startups que possam solucionar os desafios que foram selecionados enfrentados atualmente pelo cooperativismo, estimulando a parceria entre elas e as nossas cooperativas.

"Inovação não é feita por uma pessoa sozinha, ninguém inova sozinho, sentado da sua cadeira. Ela é feita no coletivo, e, se possível, com bastante diversidade de pensamento, de bagagem cultural, racial, regional, porque só enriquece os processos e faz mais ideias diferentes circularem e novas ideias surgem. O InovaCoop Conexão com Startups está focado na inovação aberta com objetivo de olhar para fora e trazer as startups para resolverem os desafios do cooperativismo", destaca Samara Araujo, coordenadora do Núcleo de Inovação da OCB.

Na prática, o programa foi desenhado para reunir desafios compartilhados por várias cooperativas, para que a solução encontrada possa beneficiar o maior número possível de cooperativas. Por isso, o principal critério de inscrição foi a apresentação de um problema comum ou similar às necessidades de pelo menos cinco cooperativas.

Do total de 30 inscrições recebidas, foram selecionados nove desafios de cooperativas e um do próprio Sistema OCB. Entre os escolhidos estão o desenvolvimento de: tecnologia para planos de saúde, aplicativos de serviços, gestão de dados, pesquisa de satisfação e relacionamento, e rastreabilidade da informação.

Integram o grupo selecionado cooperativas dos ramos de saúde, transporte, trabalho, agro, energia e crédito sediadas em estados das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do país. Muitos desses desafios têm potencial para escalar e suas soluções pode servir para cooperativas de outras regiões.

"É um modelo que se agrega e consegue dar uma estrutura para que as cooperativas consigam participar e solucionar problemas que, às vezes, são dores de diferentes cooperativas. Então, ter a capacidade de chegar a mais pessoas, a mais cooperados e a mais estados é um papel importante que as cooperativas têm nesse processo de dar mais visibilidade e se introduzir nesse mundo da inovação, trazendo isso para os cooperados lá na ponta", destaca a head de inovação da Innoscience, Julia Mariné.

A inovação aberta é aquela realizada de forma colaborativa, com o envolvimento não apenas dos profissionais de uma empresa, mas de agentes externos, como clientes, fornecedores, institutos de pesquisa, órgãos públicos, startups e outras organizações.

Diferencial Competitivo

Um dos desafios selecionados pelo InovaCoop Conexão com Startups com potencial para resolver os problemas de um setor inteiro é o da Federação das Cooperativas de Trabalho do Rio Grande do Sul (Fetrabalho), em parceria com a Cooperativa de Trabalho, Produção e Comercialização dos Trabalhadores Autônomos das Vilas de Porto Alegre (Cootravipa), a Cooperativa de Trabalho Educacional Cooperconcórdia (Cooperconcórdia), a Cooperativa de Trabalho dos Profissionais Liberais do Brasil (Cooplib) e a Cooperativa de Transporte de Produtos Líquidos (Cooper Líquidos).

Esse grupo pretende disponibilizar ao público todo o portfólio de serviços das cooperativas em uma única plataforma. O objetivo é facilitar — por meio de aplicativo ou outro espaço de whitelabel e marketplace — a oferta dos serviços prestados pelo cooperativismo.

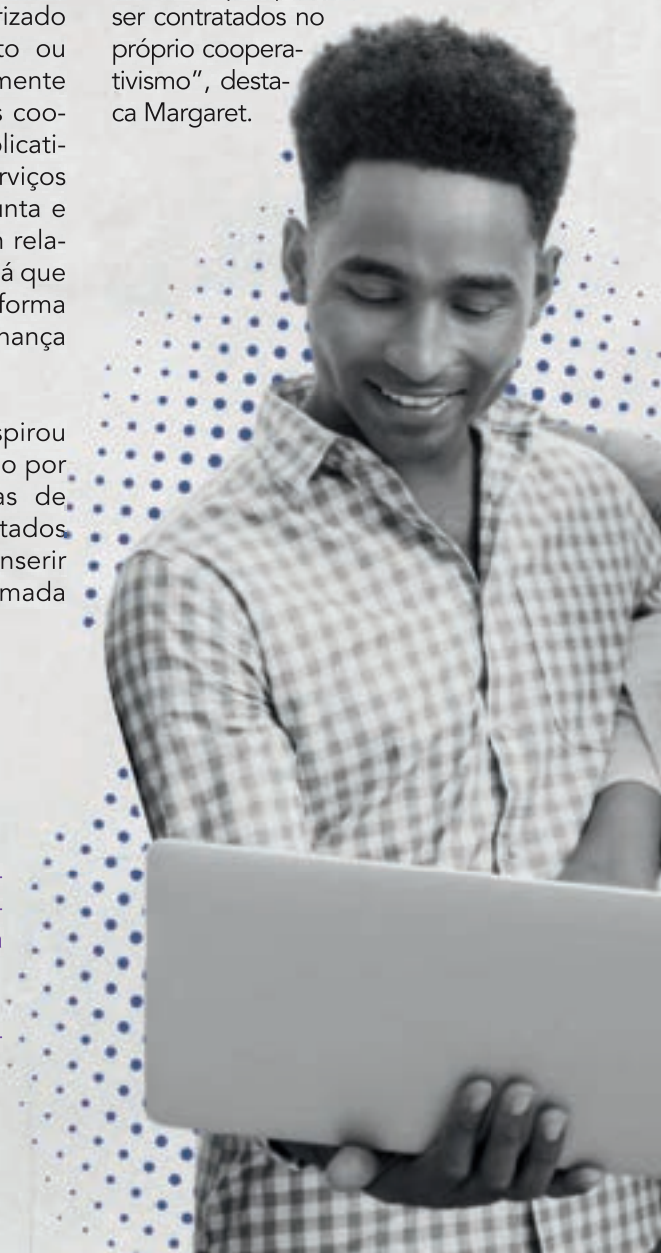
Segundo a presidente da Fetrabalho, Margaret Cunha, a criação de uma plataforma única no ramo do cooperativismo do trabalho é um desafio que já se arrasta há alguns anos, ampliado durante a pandemia. Com as medidas de isolamento social, muitas cooperativas tiveram dificuldades para expor seus serviços e tiveram que se readaptar para manter os clientes.

"Estou muito feliz por termos sido selecionados e mais ainda por representar a região Sul. Somos um sistema, temos uma divisão de ramos, mas temos de nos ajudar entre nós. É uma realização finalmente concretizar um sonho que já vem há mais de três anos e não tínhamos condições de fazer sozinhos. Se as cooperativas não abraçassem essa ideia, não teria como formatar", relata Margaret.

O desafio apresentado pela Fetrabalho e afiliadas consiste na construção de uma plataforma B2C — modelo caracterizado pela venda de um produto ou serviço da empresa diretamente para o consumidor final. As cooperativas integrantes do aplicativo poderão expor seus serviços aos clientes de forma conjunta e ter melhor remuneração em relação a modelos tradicionais, já que serão proprietárias da plataforma e poderão exercer a governança sobre os investimentos.

O grupo brasileiro se inspirou em um projeto desenvolvido por um grupo de cooperativas de trabalho sediadas nos Estados Unidos e tem por meta inserir as coops envolvidas na chamada economia de plataforma. Além disso, o desenvolvimento desta solução será escalável para cooperativas de trabalho de outras regiões do país.

A expectativa é que a plataforma dê mais visibilidade aos trabalhos prestados não somente para o consumidor final, mas também para beneficiar outras cooperativas." Acho que o aplicativo vai servir para que as cooperativas se enxerguem no mercado. Tem atividades que são importantes para o setor público e para os clientes, mas é importante que as cooperativas olhem para dentro e vejam a gama de serviços que podem ser contratados no próprio cooperativismo", destaca Margaret.



Whitelabel - Modelo de negócio no qual uma plataforma ou serviço desenvolvido por uma empresa é revendido por outras empresas sem divulgação dos direitos autorais, ou seja, como se a inteligência por trás do produto fosse da marca que o revende.

Marketplace - plataforma de vendas que reúne produtos de diversos fornecedores em um mesmo local.

Modelo econômico baseado em plataformas digitais, ou seja, em ferramentas ou softwares disponibilizados na internet. A maioria delas funciona como um negócio colaborativo, onde graças à participação massiva de usuários ou conexão de rede, um produto ou serviço é trocado, comprado, vendido, alugado ou acessado. Dentre as principais plataformas que hoje movimentam a economia estão a Uber, o IFoods e o AirBnB.

Segurança Jurídica

Essa é a primeira vez que a Federação busca aproximação com startups. A entidade projeta um aumento de 20% no volume de negócios a partir das potenciais parcerias que poderão resultar do programa. A presidente ressalta, no entanto, que "cada produto novo tem um tempo de maturidade" e que o grupo pretende alcançar os resultados de forma gradual, "com tranquilidade e segurança jurídica".

"O pessoal das startups é jovem, com ideias, olhares diferentes que vão poder nos ensinar. A gente quer entrar com eles nesse mundo para evoluir e trazer para dentro das cooperativas a inovação, a tecnologia. O mercado mudou e precisamos nos adaptar. Ver o que está surgindo de novo e as possibilidades de sermos inseridos" complementa Margaret.

Para lançar o desafio, o grupo contou com o apoio da unidade estadual do Sistema OCB no Rio Grande do Sul, o Sistema Ocergs, que, por meio da Faculdade de Tecnologia do Cooperativismo (Escoop), está desenvolvendo o projeto de pesquisa "Cooperativas de Plataforma e Ambiente Jurídico". Segundo o coordenador do projeto e Diretor Geral da Escoop, Mário de Conto, a pesquisa aponta a intercooperação como uma das alternativas para a implementação de plataformas cooperativas.

"Nesse caso, a análise de modelos internacionais que realizamos serviu como base ao desafio, que permitirá que cooperativas de trabalho brasileiras ingressem na Economia de Plataforma, de forma que a propriedade e gestão sejam de seus próprios associados", comentou De Conto.

O pesquisador também reforça que o programa da OCB contribuirá para o fortalecimento da cultura de inovação no meio cooperativista. "Como pesquisador e entusiasta da Inovação no Cooperativismo, entendo que iniciativas como o programa InovaCoop Conexão com Startups são fundamentais para a disseminação da cultura da inovação e a implementação de iniciativas inovadoras no cooperativismo brasileiro", comentou o diretor da Escoop.

Geração de Negócios

Passada a fase de encontrar os problemas, o programa da OCB se debruça na missão de atrair startups interessadas em resolver as dores apontadas pelas cooperativas. Serão em torno de dois meses para receber as inscrições e conhecer as propostas dessas empresas.

O processo de triagem será feito pelas cooperativas e finalizado no Pitch Day— evento online para o qual avançarão de uma a três startups para cada desafio. O objetivo do evento é filtrar apenas uma startup para cada desafio.

"É o dia do match (conexão) em que as startups se apresentam para as cooperativas como potenciais resolvedoras daqueles desafios" explica Samara Araújo.

Desse momento em diante, aumenta a aproximação das cooperativas com as startups. No processo de conexão e imersão, os desafios começam a ser lapidados aos poucos rumo à solução. É definido um escopo de ação e firmado um acordo para desenvolvimento de um projeto piloto.

"O primeiro resultado esperado é o impacto cultural da inovação no setor, no ambiente do cooperativismo. Abrir os olhos, se aproximar dessa nova forma de ver as coisas, se relacionar, não precisa fazer tudo do zero sozinho. Afinal, dá para contar com empresas mais jovens e focadas para trazer conhecimento e novas formas de trabalhar", comenta Julia Mariné, da Innoscience.

A consultora também destaca a troca que ocorre entre o que uma startup pode entregar para uma cooperativa e vice-versa. "As cooperativas do programa têm mais recursos financeiros, mais experiência em gestão, um negócio mais maduro; já as startups estão iniciando, têm uma forma de pensar mais flexível, mais rápida. No fim das contas essa relação é de ganha-ganha, o processo costuma ser bem proveitoso para ambos os lados", completa.

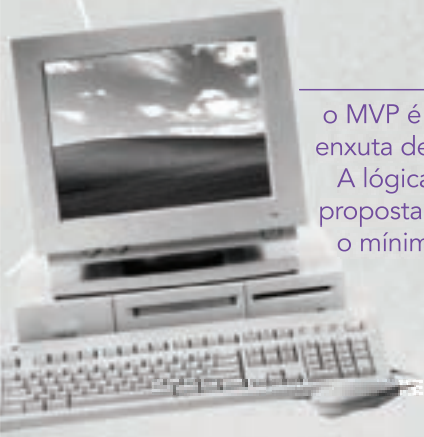
Mas o maior impacto almejado tanto pelas startups quanto pelas cooperativas é a geração de negócios, com redução de custos, aumento de produtividade, eficiência e faturamento. Por isso, o programa foi todo estruturado para proporcionar que, ao final, a startup possa se tornar uma fornecedora ou parceira das cooperativas envolvidas naquele desafio.

"No mercado em geral, temos uma taxa de conversão de pilotos em negócio por volta de 10 a 15%. Com a nossa metodologia, cerca de 70% dos projetos desenhados, são executados. E desses, por volta de 45% são contratados no final. Essa é a média dos mais de 300 pilotos que já desenvolvemos com as empresas", destaca a consultora.

Bons Frutos

Essa é a primeira edição do programa realizado em parceria com a OCB e a expectativa é que as cooperativas cheguem ao final do programa, previsto para fevereiro de 2022, com novo mindset (modo de pensar) e, principalmente, novos parceiros de negócios.

Algumas cooperativas já participaram de programa similar com a Innoscience e ainda colhem os frutos da parceria firmada com startups. É o caso da Unimed Vales do Taquari e Rio Pardo (VTRP) que atualmente tem parceria com nove startups, todas firmadas durante o programa de conexão.



o MVP é a versão mais simples e enxuta de um produto ou serviço. A lógica é entregar a principal proposta de valor idealizada com o mínimo possível de recursos

A cooperativa de saúde lançou seus desafios por meio do projeto "Innovation Unimed", desenvolvido com a Innoscience para selecionar startups de todo o Brasil que possam resolver diferentes problemas do ramo de saúde. O projeto teve início em 2019 e já está na terceira edição.

Entre os desafios lançados este ano pela Unimed VTRP estão:

- acompanhamento em tempo real das solicitações dos clientes;
- gestão online da comercialização;
- inteligência na análise de laudos e exames;
- tecnologias vestíveis para monitoramento da saúde dos clientes;
- soluções digitais em saúde; remuneração por performance de colaboradores;
- inteligência de dados para geração de oportunidades e
- inovações na saúde.

Na primeira edição do Innovation, cinco startups fecharam negócio. Uma delas permitiu o desenvolvimento da telemedicina, antes mesmo da pandemia, o que levou a cooperativa ao pioneirismo neste tipo de atendimento. A solução altamente escalável foi adotada por várias cooperativas da região e de outros estados.

Outro negócio fechado que rendeu bons frutos permitiu a otimização do contato com clientes inadimplentes, demanda que também cresceu muito durante a crise do coronavírus. E uma das soluções mais recentes desenvolvida por startup e utilizada atualmente pela Unimed é a Robô Laura, que auxilia, por meio de inteligência virtual, no pronto atendimento virtual de pacientes com sintomas gripais e de dengue.

A cooperativa lançou ainda um hub de inovação que tem dois programas de aceleração e mentoria de startups com soluções em saúde. "Os maiores resultados não são mensuráveis. A solução em si é o maior ganho. Hoje temos maior agilidade nos processos, escalabilidade nas soluções e atingimos um ganho de marca enorme", comenta a superintendente-executiva Rosilene Knebel.

Segundo a superintendente, em 2020, 42% dos investimentos feitos pela Unimed VTRP foram para projetos de inovação. Em 2021, até o mês de julho, o percentual investido em inovação chegou a 24%. O volume investido e os resultados alcançados renderam à Unimed VTRP o título de cooperativa mais inovadora do ramo e da região.

Na Origem

A experiência da Unimed VTRP com startups foi inspirada no programa do Sicredi, que participou do programa da Innoscience em 2018 e 2019. Entre os desafios do Sicredi naquele momento estava iniciar o processo de transformação digital de seus processos e serviços.

"Esse programa de conexão de startups foi um dos primeiros movimentos da nossa transformação digital. Sabendo de todas as nossas dores internas, naquele momento a gente entendeu que uma das alternativas era se aproximar do ecossistema de startups, entender o modo como elas funcionavam, sua capacidade de adaptação, de aprender coisas novas todos os dias, para buscar soluções para nosso negócio, entregando valor para nosso associado", conta Rodrigo Murari, especialista de Inovação do Centro Administrativo do Sicredi.

Inicialmente, os desafios lançados pelo Sicredi eram relacionados a questões internas, mais administrativas. Na primeira edição do programa, a cooperativa fechou negócio com cinco startups, de nove experimentos analisados. E na segunda edição, de onze pilotos, foram fechadas três conexões com startups.

Hoje, o Sicredi tem estratégia própria de inovação com o já conhecido programa Inovar Juntos e integra o AgTech Garage — considerado um dos maiores hubs de inovação focado no agronegócio da América Latina. A cooperativa parte também do hub de inovação do Instituto Caldeira, em Porto Alegre.

"Foi com os bons aprendizados no programa que a gente passou a ter capacidade para aprender e experimentar sozinhos. Paramos de fazer eventos e passamos a disponibilizar o modelo como uma ferramenta customizada para as diferentes áreas de negócio da empresa, sob demanda dos times", explica Murari.

Desde o início da jornada com as startups, em 2018, algumas conexões entre o Sicredi e essas empresas foram concluídas com sucesso e outras continuam até hoje. Uma delas viabilizou a análise de perfil do associado no Sicredi Mob. A funcionalidade foi lançada em fevereiro do ano passado, antes da pandemia, e já atraiu muitos associados que tinham investimentos em outras instituições financeiras. Desde o início da parceria, a cooperativa já contabilizou mais de R$ 150 milhões transacionados por meio dessa funcionalidade.
A conexão com startups também rendeu otimização de processos internos, incluindo na área jurídica, que tem cláusulas bem rígidas. Ainda na área administrativa, o desafio de alcançar maior eficiência no registro de despesas com viagens de colaboradores do Sicredi foi solucionado pela startup Paytrack. A parceria tem rendido ao Sicredi em torno de R$ 1 milhão em economia por ano, sem contar os ganhos de uma experiência mais simplificada para o colaborador.

"Antes era feito tudo por e-mail e um sistema de requisição. Levava dias para ter o ressarcimento das despesas com hotel, passagem aérea, alimentação. Tinha inconsistências nos dados e era um trabalho bem moroso para ambas as partes, tanto para o colaborador, quanto para o time responsável. E a Paytrack automatizou e digitalizou todo esse processo", conta Rodrigo Murari.
A Paytrack está com a cooperativa desde a primeira edição do programa de conexão. E como a relação é de ganha-ganha, a startup também relata os bons frutos que já colheu depois da aproximação com o cooperativismo.

"Esses programas são oportunidade para as empresas que estão começando e querem se aproximar de grandes corporações. É quando as empresas estão abertas para algo novo ou tem necessidade de mudar algum processo", disse Daniele Amaro, CEO da Paytrack.

Daniele reforça que o desafio das despesas e viagens corporativas trouxe melhor visão de produto e que a parceria permitiu o desenvolvimento dos negócios da startup. Atualmente, o Sicredi é o terceiro maior cliente da Paytrack e cerca de 5% do faturamento total da empresa resulta do contrato com a cooperativa.

"Além de novas funcionalidades de produtos, o aprendizado também está associado ao desafio de levar nossa tecnologia para inúmeras cooperativas na ponta, com suas próprias especificidades. Pretendemos criar novos produtos e serviços juntos, alinhados à gestão e pagamento de despesas corporativas.", completa Daniele.

Para conhecer melhor o projeto Conexão com Startup, assista ao vídeo que preparamos especialmente para você.

CONHEÇA OS 10 DESAFIOS SELECIONADOS PARA O PROGRAMA CONEXÃO COM STARTUPS

PRONTUÁRIO ELETRÔNICO (UNIMED VITÓRIA)

A grande quantidade de usuários e unidades de clínicas dificulta a consolidação de informações do Prontuário do Paciente entre sistemas clínico-assistenciais das Cooperativas que utilizam diferentes ERPs. Além disso, o sistema carece de um barramento tecnológico padrão que permita a troca de informações sobre os pacientes tratados.

AGENDA ELETRÔNICA (UNIODONTO PAULISTA)

Os usuários enfrentam dificuldades no agendamento de consultas e exames médicos, lidando com um sistema burocrático e pouco eficiente de agendamento, causando desistências e comprometendo a experiência do usuário.

GESTÃO DE ACESSOS A ÁREAS RESTRITAS (UNIMED VITÓRIA)

Os usuários enfrentam dificuldades no agendamento de consultas e exames médicos, lidando com um sistema burocrático e pouco eficiente de agendamento, causando desistências e comprometendo a experiência do usuário.

MARKETPLACES DE SERVIÇOS (FETRABALHO/RS)

Como podemos disponibilizar ao público todo o portfólio de serviços das cooperativas em uma única plataforma? Hoje os cooperados têm dificuldade na oferta própria de seus serviços e não fazem parte da chamada "economia de plataforma".

GESTÃO E RASTREABILIDADE DO CAFÉ (COOPERATIVAS DE CAFÉ DO ES)

Produtores têm dificuldade de fazer a gestão da sua propriedade. A partir disso, oportunidades de obtenção de certificações e melhorias em termos de custo e produtividade são perdidas com a falta de registro de informações.

GESTÃO DE DADOS (FECOERMS)

A grande quantidade de usuários do sistema dificulta a gestão e atualização de dados pessoais de cada perfil, tornando a operação menos eficiente. Além disso, com a nova lei geral de proteção de dados, se faz ainda mais necessária a organização e validação de dados dos associados e clientes em função da autorização do uso de dados e comunicação.

SOLUÇÃO EM TRANSPORTES (FETRANSCOOP)

As cooperativas de transporte de cargas carecem de um modelo de atuação capaz de atender o público consumidor do transporte, efetivando a integração das cooperativas e promovendo a capilaridade para uma atuação mais competitiva no mercado.

GESTÃO DE AÇÕES SOCIAIS (CENTRAL AILOS + SICOOB CENTRAL ES)

O desafio está no registro, mensuração e histórico de ações sociais e patrocínio. A ferramenta será um importante aliado para organização, gestão e mensuração das demandas de ações sociais e patrocínio, além de proporcionar rapidez e transparência na consolidação de dados para prestação de contas aos cooperados e comunidade.

PESQUISA DE SATISFAÇÃO (SICOOB CENTRAL CREDIMINAS)

Atualmente não há uma ferramenta padrão que possibilite às cooperativas singulares avaliarem o atendimento prestado pela cooperativa Central e nem para que os associados avaliem os serviços prestados pela cooperativa.

COMUNICAÇÃO INTERNA E RASTREABILIDADE DE INFORMAÇÕES (SISTEMA OCB)

Precisamos conectar os dados, informações, ações em uma rede única e intuitiva de comunicação, fazendo circular o conhecimento em todo o Sistema OCB.

Calendário do programa

- Seleção dos desafios das coops: até 2 de julho
- Inscrição das startups: de 5 de julho a 20 de agosto
- Filtro inicial das startups: 23 de agosto a 3 de setembro
- Pitch Day: de 13 a 17 de setembro (Semana Inovacoop)
- Conexão: 20 de setembro a 01 de outubro
- Imersão: 4 a 22 de outubro
- Desenvolvimento Piloto: 25 de outubro a 4 de fevereiro de 2022
- Avaliação (se piloto vira parceria ou negócio): 7 a 18 de fevereiro

UMA HISTÓRIA brasileira

CHEFE DE FAMÍLIA E MÃE DE QUATRO FILHOS, ERLANE MARIANA RECONHECE NA PRÓPRIA LUTA A VIDA DA MÃE, DAS COLEGAS DE COOPERATIVA E DE TANTAS OUTRAS MULHERES. SÃO PESSOAS COMO A DELA QUE O PROJETO AGRO FRATERNO PROCURA AJUDAR

Por Devana Babu

Onde é que mora a Maria Vaqueira?", perguntava Erlane Mariana dos Santos, na tarde de 6 de janeiro de 2020, pelas ruas do Assentamento Esperança, em Curimatá, interior do Piauí. Maria Vaqueira é muito conhecida na região por participar de cavalgadas e derrubar bois em vaquejadas, mas Erlane, sua filha primogênita, só iria conhecê-la naquele dia. Ela já estava com 27 anos de idade. Agora tem 28.

A história que vamos contar aqui é a de muitas brasileiras: Erlane nasceu no Nordeste, mas ainda menina se mudou para outro estado, no caso o Goiás, junto com o pai. Da mãe — que ela só conheceu adulta, como mostraremos ao longo desta reportagem – ela mal sabia o nome. Não por desejo da progenitora, mas do pai e do avô, que tentaram esconder da vizinhança que Maria, então com 14 anos, tinha engravidado tão nova.

Acontece que, até serem resolvidas, muitas histórias gostam de repetir. E, tal como a mãe, Erlane engravidou também na adolescência. Começava ali a saga como chefe de família e responsável pelo sustento de si mesma e dos filhos. "Quatro meninos não é fácil", mensura, com toda a razão. Com o início da pandemia do novo coronavírus, as coisas, que já eram difíceis ficaram ainda piores.

Foi nesse momento delicado que chegou o Agro Fraterno — programa nacional de arrecadação e distribuições de alimentos idealizado pelo Governo Federal e abraçado pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), pela Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), pelo Instituto Pensar Agro (IPA) e por outras entidades do setor. Foi graças a ele que Erlane conseguiu manter a comida na mesa de sua família.

"A cesta de alimentos do Agro Fraterno foi muito bem-vinda. Como não tenho salário fixo, ela me ajuda até eu receber uma quantia boa para sustentar a casa, comprar remédios e cuidar dos meus meninos", alegra-se. "Eu quebrei esse ciclo da minha família de filhos criados longe da mãe. Tudo que eu faço é por eles. Toda a luta é por eles".

A fome não espera

Lançado no mês de maio, o Agro Fraterno é um projeto contínuo de combate à fome em todo o Brasil. Seu objetivo é levar alimento de às famílias carentes afetadas pela pandemia de Covid-19 por meio da doação de produtores rurais, empresas e cooperativas do ramo agropecuário. A meta das entidades envolvidas é ultrapassar 1 milhão de cestas distribuídas até o final do ano (veja numerária). O material arrecadado é distribuído de acordo com a demanda de cada município.

"Cada um colaborando vamos diminuir o sofrimento dessas pessoas que passam fome em um país tão rico como o nosso, que é o celeiro do mundo. É o campo gerando emprego e renda, mas também ajudando a população das cidades neste momento tão difícil por que passa todo o nosso país", declarou a ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Teresa Cristina, na cerimônia de lançamento do Programa.

Não há uma data limite para as cooperativas, instituições, empresas e agentes que queiram participar realizarem suas doações. Para participar, basta procurar a secretaria de assistência social do seu município.

"A gente sabe que a fome é urgente, e não existe uma data a curto prazo para esse problema acabar. Nós estamos vivendo um momento de crise sanitária e econômica, então o desemprego está aí. Por isso não colocamos um prazo final na campanha", explica Tânia Zanella, gerente geral da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB).

Cooperar muda vidas

O cooperativismo ajudou a melhorar a vida de Erlane muito antes do Programa Agro Fraterno. Durante algum tempo, ela trabalhou cuidando da casa e da filha de Alessandra Alves, presidente da Cooperativa de Trabalho Especial Liberdade Para Sonhar (CTELS), mas depois de casar e ter filhos, teve de largar o emprego para cuidar da prole.

Enquanto trabalhou com Alessandra, Erlane aprendeu um pouco sobre cooperativismo. A ex-patroa – e hoje amiga de Erlane – começou a trabalhar aos 16 anos de idade com reciclagem, no Lixão da Estrutural, região administrativa do Distrito Federal. Depois de sete anos na linha de produção, começou a fazer cursos e se capacitar, e, logo, se tornou presidente da cooperativa em que trabalhava, cargo que ocupou por seis anos. Depois, cumpriu mais quatro anos de mandato como presidente da Renove, e um na Central das Cooperativas de Trabalho de Materiais Recicláveis do DF (Centcoop).

Disposta a fazer ainda mais, resolveu abrir a própria cooperativa: a CTELS, que trabalha com reciclagem e opera em um complexo na estrutural junto com outras cooperativas que fazem parte da Centcoop, sediada ao lado da Estrutural.

Erlane acompanhava toda essa movimentação à distância e, após se separar do marido, decidiu pedir emprego à amiga. "Alessandra, você ainda está mexendo com materiais?", perguntou. A resposta era sim e a vaga de Erlane estava garantida. Não como empregada, mas como cooperada.

"A gente começou em um galpão, eu e mais quatro meninas. Um galpão e um caminhão, catando e separando material. E eu fui só aprendendo sobre o tipo de material e como trabalhar direitinho."

Hoje, a CTELS tem 30 cooperados: 20 mulheres, que trabalham nas esteiras selecionando os materiais, e 10 homens, encarregados de carregá-los para os caminhões. Mas as mulheres também não se fazem de rogadas quando precisam, eventualmente, carregar os pesados sacos de materiais reciclados. "Nós somos um grupo muito unido. Minhas colegas, como eu, são todas guerreiras e mães de família', explica Alessandra.

Durante a pandemia, os rendimentos dos cooperados da CTELS caíram muito (veja matéria da página XX) e a cesta de alimentos do programa Agro Fraterno foi crucial para garantir a segurança alimentar do grupo de cooperados.

Erlane, por exemplo, recebeu alimentos doados por outras cooperativas vinculadas à Organização das Cooperativas do Distrito Federal (OCDF). Nesta unidade da federação, quem está à frente das as ações do Agro Fraterno é Alessandra, gerente administrativa da OCDF e integrante do conselho administrativo dessa unidade estadual. Por lá, foram arrecadadas 278 cestas básicas, que beneficiaram igual número de famílias.

De acordo com Tânia Zanella, gerente geral da OCB, a estratégia de organizar as doações por meio das cooperativas, nos diferentes estados, ajuda a fazer esses alimentos chegarem a quem mais precisa. Afinal, as cooperativas conhecem de perto a realidade das comunidades onde estão situadas.

"Nós sabíamos que, já em 2020, as cooperativas brasileiras estavam mobilizadas em torno da questões da doação, em especial de alimentos. Foi natural percebemos que o cooperativismo poderia protagonizar uma grande doação de alimentos em 2021, capaz de beneficiar os milhares brasileiros que perderam emprego e renda durante a pandemia de Covid-19", conta a gestora.

"A GENTE COMEÇOU EM UM GALPÃO, EU E MAIS QUATRO MENINAS. UM GALPÃO E UM CAMINHÃO, CATANDO E SEPARANDO MATERIAL. E EU FUI SÓ APRENDENDO SOBRE O TIPO DE MATERIAL E COMO TRABALHAR DIREITINHO."

Erlane Mariana,
Cooperada beneficiada pelo Agro Fraterno

Sororidade

Como a cooperativa de Alessandra e Erlane ainda é nova e pequena, ela não recebe tanto material para reciclar. Por conta da pandemia, o trabalho ficou ainda mais escasso e os cooperados trabalham apenas algumas vezes por semana, recebendo uma renda média de R$ 600 reais por mês.

Apesar dos rendimentos ainda baixos, ambas gostam do trabalho. "Eu gosto do que eu faço, não vou mentir, não. Tem gente que acha que é mexer com lixo, mas não é. Além de fazer a coleta seletiva, nós batemos de porta em porta, falamos sobre a importância da reciclagem. Atualmente é enterrado muito resíduo, então a sociedade também ganha muito com o nosso trabalho", conclui Alessandra.

Para completar a renda da família, Erlane precisa recorrer a outros expedientes. Uma das fontes que auxilia bastante é o Bolsa Família, programa de distribuição de renda do governo pelo qual ela recebe pouco mais de R$ 400 reais.

Além disso, todo domingo, ela acorda às cinco da manhã para montar um bazar na Feira da Estrutural. Lá, vende objetos ainda em bom estado que encontra na coleta de materiais ou que foram doados pelas amigas. São caixinhas de óculos, capinhas de celular, sapatos, bolsas, todo tipo de coisa. Os produtos saem rápido, mas mais rápido ainda saem as mudinhas de plantas, principalmente suculentas, que ela mesma produz em casa, a partir de uma matriz. Alguns feirantes compram essas mudinhas aos lotes para revender ali na feira mesmo. Ela tem o maior amor por essas plantinhas. Com o dinheiro que ganha na feira, já compra ali mesmo um arroz, um feijão e uma verdura. E ainda consegue guardar um pouquinho para comprar os óculos do filho Davi e ajudar na construção da casa. Ela e os filhos moram em um barraco de madeira com um cômodo e um banheiro, do qual ela se orgulha.

"Hoje eu sinto que eu estou na glória, porque eu estou no que é meu, juntando cada centavo para construir uma casa melhor pra meus filhos. Eu agradeço a Deus todos os dias pelo meu cantinho", afirma.

Apesar de só ter podido estudar até a 8ª série, Erlane valoriza muito os estudos. Quando as crianças começaram a precisar dela para estudar, a jovem decidiu se matricular novamente na escola. "Eu ainda tenho a chance", pensou. "Tenho amigas mais velhas que são exemplo para mim, que estão na faculdade. Então eu pensei: Por que eu não posso também?" E voltou a correr atrás. Recentemente, ela se inscreveu no Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja), para concluir o ensino médio e tentar fazer ensino superior no futuro. Prestará a prova agora em agosto, e estuda sempre que tem um tempinho, além de acompanhar o noticiário.

"HOJE EU SINTO QUE EU ESTOU NA GLÓRIA, PORQUE EU ESTOU NO QUE É MEU, JUNTANDO CADA CENTAVO PARA CONSTRUIR UMA CASA MELHOR PRA MEUS FILHOS."

Erlane Mariana,
Cooperada beneficiada pelo Agro Fraterno

Reencontro

Entre julho e agosto de 2020, o pai de Erlane foi visitá-la e lhe trouxe um grande presente: o número de telefone da mãe que ela não conheceu. "Ele tinha muita mágoa dela, mas, depois, passou", Erlane explica.

De posse daquele número, ela respirou fundo, tomou coragem e ligou. "Ela me disse que não queria ter me deixado, que foi tudo uma enrolação do pai dela com o meu pai. Desde que vim morar aqui, eu fiquei isolada dela. Só me diziam que eu não tinha mãe. Quando conversei com ela, ela chorou, se emocionou", recorda.

Mesmo sem condições, Erlane juntou o dinheiro do Bolsa Família, pediu ajuda ao pai dos meninos e foi para o Piauí passar dois dias com a mãe.

"Onde mora a Maria Vaqueira?", perguntava ela pelas ruas do Assentamento Esperança, em Curimatá, no dia em que chegou, e facilmente localizou a moradia. Quando andavam pelas ruas, Maria Vaqueira era reconhecida e cumprimentada por todos.

Erlane descobriu que tinha vários irmãos que vieram depois dela, e eles fizeram questão de conhecê-la. Descobriu também que dois desses irmãos moravam em Taguatinga, outra região administrativa do Distrito Federal, portanto muito próximos dela. Agora eles mantêm contato e se visitam de vez em quando.

Mas, acima de tudo, Erlane descobriu, além da impressionante semelhança física com a mãe, de que havia herdado dela a coragem e a disposição de lutar para melhorar de vida. "Minha mãe me contou histórias do que ela passou pra ter um pedaço de chão dela, que é só um assentamento, mas é dela. Até chegar onde ela está hoje, foi todo esse sofrimento. E eu também, desde pequena, na luta. Me reconheço na luta dela, em ser batalhadora."

Uma tonelada de solidariedade

Até o fechamento desta edição da Revista Saber Cooperar, o programa Agrofraterno já tinha arrecadado 110.403 quilos de alimentos, 51.363 cestas básicas e cerca de R$ 447,2 mil reais, de acordo com os dados computados no site oficial do projeto, no qual os próprios doadores cadastram as ações efetuadas. O alcance das ações realizadas pelas cooperativas, que estão sendo computados pela própria OCB, são ainda maiores. Os dados aferidos até agora informam 73.198 cestas básicas, 1.021 toneladas de alimentos e mais de R$ 5,5 milhões arrecadados, que já chegaram a mais de 300 mil pessoas.

Conectados pelo cooperativismo

O RAMO INFRAESTRUTURA ESTÁ MOBILIZADO, COM A EQUIPE DA OCB, PARA ACELERAR A TRAMITAÇÃO DE PROJETO DE LEI QUE AUTORIZA COOPERATIVAS A OPERAREM COM SERVIÇOS DE TELEFONIA MÓVEL E INTERNET BANDA LARGA

Por Rosana de Cássia

O cooperativismo está em vias de se tornar uma importante ferramenta de inclusão digital no campo. O Projeto de Lei 8.824/2017, que autoriza as cooperativas a operarem os serviços de telefonia móvel e banda larga, foi aprovado na Câmara dos Deputados e segue para tramitação no Senado. De autoria do deputado Evair de Melo (ES), presidente da Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop), o projeto pretende ampliar a oferta do serviço de telecomunicações a um preço mais baixo, e com ênfase nas comunidades rurais.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 11,6 milhões de domicílios no país têm condições de arcar com os custos de uma conexão com a internet, mas não dispõem do serviço em suas localidades.

Em outro levantamento, de agosto de 2020, o mesmo instituto constata que 6 milhões de estudantes brasileiros — da pré-escola à pós-graduação — não dispõem de acesso domiciliar à internet para acompanhar aulas e outras atividades on-line. E o último censo agropecuário, realizado há quatro anos, identificou mais de 3,6 milhões de propriedades sem internet, o que corresponde a mais de 70% das unidades no campo.

A legislação em vigor atualmente em relação ao setor engessa o processo, ao obrigar as cooperativas a criarem empresas comerciais para a prestação do serviço de telecomunicações — o que impacta negativamente no fortalecimento do nosso modelo de negócios, além de aumentar os custos da prestação dos serviços.

"Reconhecer o cooperativismo como uma alternativa viável para a prestação de serviços de internet colabora com a universalização do acesso das telecomunicações em todo o território brasileiro e contribui para o desenvolvimento econômico e social", destaca Tânia Zanella, gerente-geral da OCB. Para ela, o êxito das cooperativas de infraestrutura na oferta de energia elétrica no interior do país confere ao cooperativismo a competência necessária para também levar a conectividade ao campo. Vale destacar: atualmente, mais de 4 milhões de pessoas têm acesso a serviços de qualidade e à universalização da energia elétrica por causa de uma coop.

Prioridade

A aprovação do PL 8.824/2017 — que autoriza as cooperativas a fornecerem serviços de telecomunicações no campo — é uma das sete prioridades da Agenda Institucional do Cooperativismo para 2021. Por isso, toda a equipe técnica e de representação da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) está empenhada em agilizar a aprovação do projeto no Senado.

"Atualmente, 35 mil famílias de produtores rurais têm acesso à internet graças às empresas de propriedade de cooperativas. Esse acesso tem ajudado a ampliar a eficiência da administ

Potencial para crescer

Das **4.868** cooperativas com registro ativo na OCB, **246** são do ramo infraestrutura. Juntas, elas beneficiam diretamente **1,4 milhões** de cooperados e geram **7.366** de empregos. **91** dessas cooperativas (37%) atuam na distribuição de energia com potencial para oferecer serviços de acesso à internet nas regiões onde atuam.

Fonte: Anuário Brasileiro do Cooperativismo 2021, com dados referentes a dezembro de 2020

"ATUALMENTE, 35 MIL FAMÍLIAS DE PRODUTORES RURAIS TÊM ACESSO À INTERNET GRAÇAS ÀS EMPRESAS DE PROPRIEDADE DE COOPERATIVAS."

Tânia Zanella, *gerente-geral da OCB*

ção das propriedades rural, colaborado com a formação e a qualificação de pessoal por meio de aulas on-line, e estimulado a incorporação de novas tecnologias e uma produção cada vez mais sustentável. Por esse motivo, é tão importante garantirmos que as cooperativas possam ser permissionárias diretas deste tipo de serviço", explica Tânia Zanella.

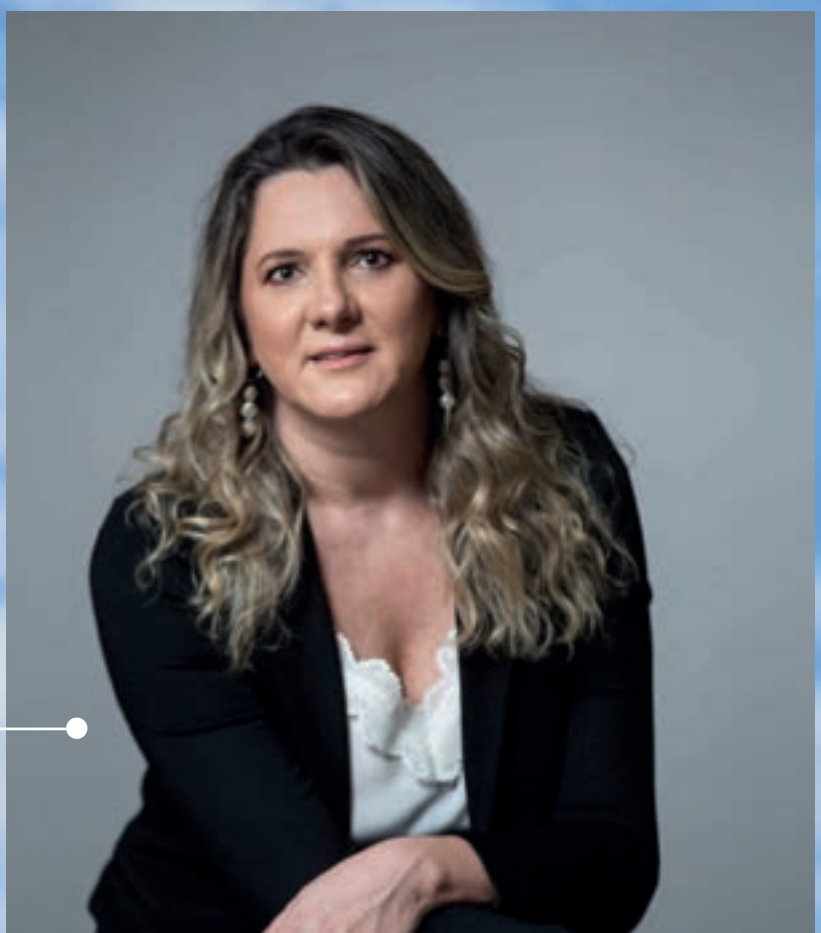
O presidente da Confederação Nacional das Cooperativas de Infraestrutura (Infracoop), Jânio Stefanello, acrescenta: o cooperativismo tem tudo para ser um grande braço de desenvolvimento na condução dessa infraestrutura e da tecnologia para o interior. "É por isso que estamos todos engajados nessa causa", reforça.

Stefanello espera transformar o quanto antes os 20 mil consumidores das atuais empresas de telecomunicação ligadas à Infracoop em cooperados. Com a mudança, explica o dirigente, o consumidor passará a participar ativamente da gestão da cooperativa, na definição da qualidade do serviço e do preço.

Pioneirismo

A cooperativa de geração e distribuição de energia elétrica gaúcha Coprel foi uma das pioneiras na criação de empresa limitada para a prestação do serviço de telecomunicações. Atualmente, a Coprel Telecom oferece cerca de 32 mil conexões urbanas e rurais, em 35 municípios do Rio Grande do Sul. Ela vem cumprindo com sucesso o papel de levar a internet para o campo, mas, no que depender dos dirigentes da Coprel, será transformada em cooperativa assim que o PL 8.824/2017 for aprovado e transformado em lei.

"Para os consumidores, é melhor



ter um serviço prestado por cooperativa. A conexão será mais fácil e a um custo menor", explica Luís Fernando Volpato, facilitador da Coprel.

Ele menciona, ainda, que a área rural não é atrativa para as grandes operadoras. Por isso, as cooperativas de infraestrutura são os principais aliados do governo no processo de universalização da internet no campo. Atualmente, do total de propriedades rurais conectadas à rede mundial dos computadores (cerca de 20%), apenas uma pequena porcentagem (entre 6% e 8%) consegue utilizar o acesso em seus sistemas de produção, plantio e colheita.

"A conexão é importante para o agricultor e, especialmente, para seus filhos e netos, na formação e capacitação, sem afastá-los do meio em que vivem", ressalta o senador Luís Carlos Heinze (RS), vice-presidente da Frencoop, também empenhado em agilizar a tramitação do PL 8.824/2017 no Senado e na busca de recursos federais para financiar os projetos de conectividade rural das cooperativas.

Para ele, a expansão da conectividade rural por meio das cooperativas é o melhor caminho para a melhora da eficiência do processo produtivo e da permanência do homem no campo. ■

"O COOPERATIVISMO TEM TUDO PARA SER UM GRANDE BRAÇO DE DESENVOLVIMENTO NA CONDUÇÃO DESSA INFRAESTRUTURA E DA TECNOLOGIA PARA O INTERIOR. É POR ISSO QUE ESTAMOS TODOS ENGAJADOS NESSA CAUSA."

Jânio Stefanello, presidente da Confederação Nacional das Cooperativas de Infraestrutura (Infracoop)

Sonhos reciclados

DURANTE A PANDEMIA

COOPERATIVAS DE RECICLAGEM RETOMAM ATIVIDADE DE FORMA SEGURA E SE ORGANIZAM PARA FORTALECER A REPRESENTAÇÃO POLÍTICA E INSTITUCIONAL

Por Fábio Fleury

O cenário era desanimador. Em março de 2020, pouco se sabia sobre as principais formas de transmissão do novo coronavírus. Naquele primeiro momento, acreditava-se que tocar superfícies supostamente contaminadas seria o suficiente para infectar qualquer pessoa com a doença. As cooperativas de reciclagem tinham de se preocupar tanto com a saúde dos cooperados quanto com a continuidade dos negócios. Afinal, por todo o país, diversos municípios publicaram decretos proibindo a coleta seletiva, fechando os galpões das cooperativas ou até mesmo obrigando os resíduos recicláveis a passar por uma espécie de "quarentena" até que os supostos vírus que poderiam estar neles morressem. Com isso, milhares de catadores se viram ameaçados de ficar sem fonte de renda por todo o país.

Mais de um ano depois, o panorama é completamente diferente. As cooperativas retomaram suas atividades, afastaram apenas os cooperados que eram considerados de risco, adotaram novas práticas sanitárias e de distanciamento social e, com mudanças no mercado, agora faturam o mesmo, ou – em alguns casos – até um pouco mais do que antes da pandemia.

CENTCOOP

Os resultados têm sido surpreendentes. Até o momento, as principais cooperativas registraram poucos casos de contaminação entre os cooperados e nenhuma hospitalização ou morte por Covid-19.

"Eu podia falar que foi ruim, é a história que todo mundo conta; só que pra gente teve momentos ruins, mas também teve momentos bons. Quando a pandemia começou, e ninguém sabia como ia ser, o governador do Distrito Federal editou uma portaria proibindo a coleta seletiva na capital e no entorno. Ficou complicado, porque temos 11 contratos de coleta seletiva e atuamos em 15 cidades do DF. Em quase metade dos municípios e no entorno de Brasília, a coleta é feita por cooperativas", explica Cleusimar de Andrade, da Cooperativa Recicle a Vida, coordenador da recém-criada Câmara Temática das Cooperativas de Reciclagem da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB).

Segundo ele, a categoria conseguiu, junto ao governo distrital, se equiparar aos garis como prestadores de serviços essenciais e, dessa forma, teve acesso aos auxílios financeiros concedidos para os trabalhadores que precisaram ficar em casa. Cerca de três meses depois da restrição, os cooperados puderam voltar às atividades.

"Quando começamos a ver que o vírus não se espalhava pelos materiais, começamos a nos organizar para voltar. Nas cooperativas, onde trabalhamos em esteiras, passamos a fazer distanciamento, a trabalhar usando máscara, EPI, luvas. Com mais segurança, foi possível trazer mais gente", relembra.

Crescimento

Mas, como ficou a renda dos cooperados? De acordo com a pesquisa Ciclosoft 2020, em 545 cooperativas, no ano de 2019, a maioria dos catadores tinha renda entre um e dois salários mínimos (42,99%); na pesquisa de 2020, , realizada de julho a outubro, 58,72% dos cooperados relataram uma queda na renda, 20% permaneceram na mesma faixa e, por incrível que pareça, quase um a cada oito (12,48%) passou a ganhar mais.

Para Cleusimar, esse aumento deve-se ao fato de que o perfil de consumo dos brasileiros – especialmente nas grandes cidades – mudou ao longo da pandemia. Com mais gente ficando em casa, mesmo que o isolamento não tenha sido observado em todo o território nacional, mais e mais pessoas começaram a comprar produtos pela internet, tanto por delivery de alimentos como outros produtos, como eletrodomésticos, roupas e móveis.

"Isso ajudou a melhorar a situação, porque as pessoas começaram a gerar mais resíduos, ter mais embalagem e, ao mesmo tempo, veio a questão do mercado internacional, que diminuiu a importação de matéria-prima, e o material reciclado aumentou de preço. Alguns produtos quase dobraram de preço, como o papelão. O ferro, que era vendido a cerca de R$ 300 a tonelada, foi pra mais de R$ 1.100. Foi uma oportunidade pra melhorar a renda", reconhece.

Apesar dessa boa notícia, o crescimento do setor de reciclagem não foi igual em todas as áreas. Nas cooperativas com pessoas mais velhas ou com comorbidades, o trabalho praticamente foi paralisado; também foi preciso criar campanhas de ajuda para os cooperados afastados por questões médicas, como conta Aline Souza da Silva, presidente da Rede de Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis do DF (Centcoop).

"A gente trabalha para não precisar dessas coisas, para ter dignidade. Mas, para esses que ainda não podem voltar, fazemos campanhas, adquirimos cestas básicas, cestas de produtos de limpeza", conta ela. As cooperativas vinculadas à Centcoop também têm recebido auxílios na forma de doações de máscaras, EPIs, álcool em gel e outros insumos para que possam desenvolver suas atividades com segurança.

Longe da capital

Em São Paulo, cidade que conta com duas importantes centrais mecanizadas de triagem, as cooperativas associadas que têm contratos com a prefeitura conseguiram manter mais de 1.000 catadores afastados, com um auxílio que chegava a R$ 1.200 por mês, durante quase todo o ano de 2020. Quem explica é o presidente da Cooperativa de Coleta Seletiva da Capela do Socorro (Coopercaps), Telines Basílio do Nascimento Jr, o Carioca.

"Essas duas centrais mecanizadas absorveram todo o resíduo reciclável da cidade. Foi com as vendas delas que a gente conseguiu manter os cooperados em casa dando o auxílio. Por elas serem mecanizadas, precisam de um contingente menor trabalhando", detalha.

A vida das cooperativas que não contam com esse tipo de convênio, no entanto, foi um pouco mais difícil.

"As cooperativas que não têm nenhum relacionamento com a prefeitura ficaram numa situação delicada; algumas conseguiram o auxílio do governo federal, outras não. Para essas, a gente precisou fazer uma vaquinha para auxiliar", diz o dirigente.

Para os próximos meses, os líderes das cooperativas de reciclagem paulista esperam que o preço dos materiais fique mais próximo dos patamares antigos. Com isso, esperam se proteger de eventuais perdas nas rendas dos cooperados.

“AS PESSOAS VIAM A GENTE COMO MISERÁVEIS [...] AGORA, QUE COMEÇAMOS A NOS ORGANIZAR REALMENTE COMO EMPRESAS, COMEÇARAM A NOS ENXERGAR DE OUTRA FORMA. ESSA CÂMARA NOS COLOCA ESSA FORMA DE NOS ORGANIZAR E NÃO SERMOS EXCLUÍDOS”

Alex Macedo,
Analista Técnico e Econômico da OCB

"Agora o preço está começando a voltar ao normal e estamos nos preparando para voltar a crescer. A gente faz a comercialização de maneira centralizada para conseguir um preço melhor. Nosso objetivo é atender à indústria e chegar neles antes que o mercado volte à normalidade", explica Aline. Para ela, a proteção de uma negociação conjunta por meio da Câmara Temática de Reciclagem da OCB pode ser fundamental para isso.

Em defesa dos Cooperados

A criação da Câmara Temática das Cooperativas de Reciclagem dentro do âmbito da OCB, em março deste ano, pode se tornar um ponto de virada para o setor em um futuro próximo. A possibilidade de ter um fórum específico para definir pautas estratégicas e poder negociar de maneira coletiva com fornecedores, clientes e o poder público representa um avanço na agenda dessas instituições.

Atualmente, a OCB representa um total de 97 cooperativas de reciclagem em todo o Brasil, com cerca de 3 mil cooperados em 11 estados brasileiros e no Distrito Federal. Todo o processo de implantação da Câmara foi feito remotamente, segundo Alex Macedo, analista técnico e econômico da organização.

"Até então, a gente não tinha um espaço institucional formalizado pra poder ouvir os representantes, saber necessidades, anseios, questões que envolvem o poder público, problemas de gestão e confiança. A gente começou tudo de forma on-line; no ano passado ainda não tinha a possibilidade de fazer presencial, toda a articulação e as reuniões foram feitas de forma remota", relata.

Os objetivos da Câmara, segundo ele, são buscar uma aproximação com o Ministério do Meio Ambiente, com o setor de embalagens, para tratar a questão da logística reversa, e também com o Congresso Nacional, para abordar questões e monitorar leis e projetos para o setor, além de garantir a segurança jurídica e ver oportunidades para os cooperados.

"Nós temos sentido essa aproximação. As pessoas viam a gente como miseráveis, coitadinhos, queriam fazer doação. Agora, que começamos a nos organizar realmente como empresas, começaram a nos enxergar de outra forma. Essa câmara nos coloca essa forma de nos organizar e não sermos excluídos", explica o coordenador da Câmara Temática.

Para Aline Souza, da Centcoop, a negociação coletiva tende a fortalecer todo o setor, inclusive no momento de conseguir preços melhores para os materiais que são reciclados pelas cooperativas e revendidos para o setor industrial.

"Antes da pandemia e de a rede ser inaugurada, o pessoal vendia o papelão a R$ 0,35, o quilo; agora, subiu para R$ 1,50. A gente sabe que na indústria não custa menos de R$ 3. Esperamos que a Câmara Temática da OCB nos ajude a fortalecer o nosso trabalho e a coleta seletiva. E uma parte importante disso é a gente trabalhar pro produto não ser tributado novamente, senão fica inviável", alerta.

COMO NASCE UM *líder*

SAIBA PORQUE O FECHAMENTO DE UMA AGÊNCIA NO INTERIOR DE MINAS GERAIS MUDOU A VIDA DE MARCO AURÉLIO ALMADA, TRANSFORMANDO-O EM UMA LIDERANÇA DO COOPERATIVISMO, OU MELHOR, EM UM INFLUENCIADOR COOP

Abre Campo é uma cidade como centenas de outras, típicas do interior de Minas Gerais. Uma igreja no centro, as ruas comerciais onde vendedores e clientes se conhecem pelo nome, árvores bem cuidadas que refrescam os dias mais quentes. Tem cerca de 13 mil habitantes e suas principais atividades econômicas estão ligadas ao campo – milho, café e criação de gado, principalmente de leite. Fica às margens da BR-262, a cerca de 220 quilômetros de Belo Horizonte.

No fim da década de 90, uma comissão de comerciantes e empresários de Abre Campo pegou a estrada até a capital mineira com um pedido a fazer: evitar que o banco Credireal, fundado na década de 20, fechasse a única agência bancária existente na cidade.

Com a demanda debaixo do braço, bateram na porta da sala de Marco Aurélio Almada, que trabalhava, em uma sala fechada do banco, com os estudos que iriam embasar o encerramento de mais de 100 agências espalhadas pelo estado. O banco vivia uma reformulação à época e seria incorporado pelo Bradesco pouco depois.

Almada ouviu dos comerciantes que, sem a agência, os aposentados teriam de pegar estrada até cidades vizinhas para sacar suas aposentadorias, os comerciantes não conseguiriam mais descontar os cheques dos clientes e os demais moradores teriam de viajar para pagar contas. Um transtorno completo para quem estava acostumado a resolver os problemas financeiros do dia a dia ali mesmo, na praça central de Abre Campo.

"Me senti um banqueiro mau", confidenciou Almada mais de três décadas depois. Aquele episódio foi uma espécie de turning point na sua carreira. Ao perceber como as decisões tomadas em salas fechadas impactavam na vida de pessoas reais, com suas próprias rotinas e hábitos, o então diretor do banco Credireal ficou pensativo. Ali surgiu nele a semente do cooperativismo.

"A DISLEXIA, PORTANTO, FOI UMA ALAVANCA DE DESENVOLVIMENTO, UM ESTÍMULO PARA SUPERAÇÃO DE LIMITES"

Cláudio Halley,
superintendente de Gestão e Estratégia

Dislexia

Marco Aurélio Almada nasceu em Belo Horizonte, em 1966. Filho de um alto executivo da mineradora Vale, se acostumou desde cedo com a rotina de um pai atarefado com as rotinas de trabalho e que tinha o costume de viajar a trabalho.

Logo na infância, recebeu um diagnóstico médico que mudou sua vida. Se, hoje, ele é classificado por colegas de trabalho como uma pessoa "dedicada" e "compromissada", isso se deve muito ao fato de ter sido diagnosticado com dislexia ainda no começo da vida.

"Naquele momento, a ciência, a medicina diziam que ele estava condenado, que não tinha futuro, que não iria longe", conta o superintendente de Gestão e Estratégia, Cláudio Halley, que trabalha diretamente com ele há cerca de 12 anos.

"A mãe dele não aceitou esse diagnóstico e colocou ele para estudar bastante. E ele foi se conscientizando. A dislexia, portanto, foi uma alavanca de desenvolvimento, um estímulo para superação de limites", conta Halley.

O diagnóstico veio acompanhado de um remédio, amargo nas primeiras doses, mas que se tornou uma companhia para sempre: a leitura. Todas as pessoas que contribuíram para a construção desse perfil, conhecidos de longa data de Almada, o definem como um leitor voraz.

"Quem tem dislexia tem uma dificuldade maior para ler e escrever. Meu hábito de leitura começou nessa época. Eu não gostava, mas me forçava a ler, de certa forma, até obrigado. Eu lia e custava a entender. Aí lia uma segunda e uma terceira vez. Depois, passei a ter gosto para isso", revela Almada.

Se, por um lado, tentou neutralizar as dificuldades de ler e escrever por meio da leitura, por outro, Almada desenvolveu outra habilidade crucial para que pudesse chegar ao posto que ocupa hoje: a oratória. Tanto, que é pela voz que o presidente do Bancoob — formado em Administração de Empresas — conquista seus funcionários.

Convite

Depois do processo que resultou na compra do banco Credireal pelo Bradesco, Almada foi convidado pelo então presidente do Bancoob, Raimundo Mariano do Vale, para se tornar superintendente na instituição financeira. A situação envolvendo a comissão de comerciantes de Abre Campo ainda estava na sua cabeça quando o executivo explicou para ele o que era o cooperativismo e como a instituição poderia melhorar a vida das pessoas.

Marco Aurélio Almada ouviu atento a conversa de um de seus "mentores", rejeitou o primeiro convite, mas se sentiu impelido a aceitar um novo pedido.

"Eu faria exatamente o mesmo trabalho que eu estava acostumado a fazer, mas veria um resultado prático. Em vez de trabalhar para o lucro dos acionistas do mercado financeiro, e não vejo mal nenhum nisso, trabalharia para fazer a diferença na vida das pessoas", afirmou.

O processo de convencimento feito pelo primeiro presidente do Bancoob também se tornou a estratégia de Almada para montar a sua equipe.

"MUITO POR CONTA DE ALMADA, NÓS SAÍMOS DE UMA SITUAÇÃO DE UM BANCO DE POUCA ABRANGÊNCIA, EM TERMOS DE PRODUTOS E SERVIÇOS, PARA UM BANCO COMPLETO, COM UMA EMPRESA DE SEGUROS."

Rubens Rodrigues Filho,
diretor de Controle e Riscos do
Centro Cooperativo
Sicoob (CCS)

Tatiana Carvalho Lima de Alencar Matos, que hoje atua como Superintendente de Educação Corporativa, entrou no sistema Sicoob em 2004, depois de ter sido entrevistada pelo próprio Almada. Segundo ela, sua entrevista foi incomum. Embora fosse ela que estava passando pelo processo seletivo, foi o futuro chefe quem falou mais na ocasião.

"Eu mal sabia o que me esperava naquela entrevista. Em uma conversa de 30 minutos eu pouco falei e, ele, ficou contando os desafios do cooperativismo. Ele falava com uma empolgação tão absurda, que eu disse que não queria saber o que eu iria fazer lá, somente que eu queria estar lá", relembrou. "Ele passa essa energia na fala, no não-verbal, no olhar e vai inspirando e carregando o pessoal atrás dele, como um legado", conta.

A estratégia também marcou a contratação de Michelle Mattos, que entrou na Confederação Nacional de Cooperativas de Crédito do Sicoob como Analista de Normas e, hoje, é gerente de Governança Corporativa do Sicoob.

"Fui entrevistada por ele e, logo no começo, ele já se demonstrou brilhante. Eu estava começando a minha carreira e, com toda a empolgação, ele acabou me dando uma aula sobre cooperativismo, responsabilidade social e a importância da instituição para a sociedade. Eu me encantei", conta.

Almada diz que sempre gostou de trazer pessoas "acima da média" e participar dos processos de seleção de seus funcionários.

Um episódio, contado com bom humor pelo diretor da subsidiária Seguro de Vida do Sicoob, Marcelo Carneiro Costa explica. Ele conheceu Almada em 1998, quando comandava uma franquia de pizzas em um shopping de Brasília, e foi convidado a participar de um processo seletivo para o cargo de Assistente I, cujo salário era de R$ 1.500 mensais. Empreendedor, seria seu primeiro emprego de carteira assinada. E, apesar de ser mais qualificado que seus concorrentes durante a seleção, quase não foi aprovado.

"Fiquei sabendo anos depois, por outras pessoas, que eles iam me dar bomba. Eles achavam que eu era mais qualificado do que a proposta oferecia. Uma das frases que o Almada disse aos colegas na ocasião foi: 'prefiro segurar um cavalo de corrida do que explorar um pangaré", conta, em meio a risadas.

Foi dessa forma, "comparado a um eqüino", como ele mesmo diz, que Marcelo começou sua trajetória no cooperativismo, lançado por Almada.

Crescimento

Ao longo das últimas (quase) três décadas, o Sicoob se tornou um sistema, como gostam de frisar os colaboradores. Muitos deles creditam ao próprio Almada a expansão do grupo e do próprio cooperativismo no país. Os termos estrategista, conhecedor e visionário foram citados em todos os depoimentos dados para a construção desse perfil. Talvez por isso, Almada tenha sido eleito em 2020, por voto popular, um "influenciador coop" — título do qual ele muito se orgulha.

"Muito por conta de Almada, nós saímos de uma situação de um banco de pouca abrangência, em termos de produtos e serviços, para um banco completo, com uma empresa de seguros, de consórcio, de meios de pagamento, previdência privada, DTVM e operações que qualquer grande banco tenha hoje. Não tem uma linha de negócio que esteja faltando", explica Rubens Rodrigues Filho, diretor de Controle e Riscos do Centro Cooperativo Sicoob (CCS), , resume.

Reconhecido por seus pares, Almada foi nomeado diretor-presidente do Centro Cooperativo Sicoob em 2020. E em vez de olhar para o passado, ele prefere se concentrar no futuro.

"Estamos vivendo um momento de disrupção da indústria financeira como um todo. O cooperativismo de crédito continua superatual na sua essência, mas faz parte de um negócio que está se tornando obsolescente rapidamente, e que tem que ser rejuvenescido. Esse é o desafio"

Na contramão das demais instituições financeiras, o Sicoob tem apostado na expansão das agências físicas no país. Hoje, de acordo com o Banco Central, o Sicoob possui 3.523 unidades espalhadas por todo o país, o segundo — à frente dos gigantes Caixa Econômica Federal, Bradesco e Itaú. Mas, a mais especial, para Almada, talvez, seja a que está localizada na rua Doutor Olinto de Abreu, 175, em Abre Campo.

Mão dupla

COOPERATIVAS DO PARANÁ VESTEM A CAMISA DA INTERCOOPERAÇÃO E FORTALECEM O SETOR EM DIFERENTES RAMOS

Por Renato Crozatti

O paranaense Aucenir Ribeiro de Assis largou o campo para virar motorista autônomo há 10 anos. Morador de Jesuíta, município no interior do Paraná, precisou viajar por todo o Brasil levando diferentes tipos de carga. Na última década, precisou fazer diversas manutenções caríssimas no veículo. Mas, no ano passado, a situação apertou: depois de milhares de quilômetros rodados país afora, estava na hora de aposentar seu companheiro de estrada e adquirir um caminhão novo. Foi graças à intercooperação entre a cooperativa em que é associado — a Cooperativa de Transporte de Cafelândia (Coopercaf) — e o Sicredi Nossa Terra que essa troca foi possível.

De acordo com a Federação das Empresas de Transporte de Cargas do Estado do Paraná (Fetranspar), mais de 18 mil caminhoneiros passam pelas estradas do estado durante o ano. Tal qual seu Aucenir, muitos deles precisam trocar peças, o caminhão e/ou a carreta por uma versão mais atual para continuar trabalhando. A burocracia e as altas taxas de juros de muitos bancos poderiam tornar o crédito inviável para um motorista autônomo. Mas, graças à intercooperação entre cooperativas de transporte e de crédito, esse empréstimo é possível – e acessível.

"A intercooperação facilita muito o acesso e as oportunidades para o associado", diz Aucenir. As duas principais vantagens desse tipo de parceria para o cooperado são a facilidade para negociar o crédito e os juros mais baixos. "Uma pessoa como eu, de baixa renda, não conseguiria se enquadrar para conseguir o crédito que precisava em um banco tradicional. Graças à minha cooperativa e ao Sicredi, consegui o empréstimo que precisava, a juros acessíveis. É uma grande parceria e uma grande oportunidade para todos nós", relata.

Apoio Mútuo

A Coopercaf congrega, hoje, centenas de motoristas como Aucenir. Ela tem a intercooperação como um de seus princípios para o crescimento, tanto da cooperativa como para os cooperados. Prova disso é que presta serviços de transporte, principalmente, para cooperativas, como a Copacol, localizada na região sudoeste do Paraná.

Aliás, foi dentro da Copacol que a Coopercaf foi fundada, há cerca de 25 anos. Hoje, a cooperativa de agronegócio é responsável por mais de 80% do serviço de transporte fretado, segundo o presidente da empresa, Edson Zonta. Ele relata que, de 1998 pra cá, sempre houve essa parceria entre as duas cooperativas. "A intercooperação estimula um maior faturamento dos associados e a Copacol não precisa correr atrás de ninguém para fazer o transporte dos produtos".

Segundo o contador da Coopercaf, Marcelio Koehler, antigamente, os motoristas autônomos sofriam para arranjar trabalho na região durante a entressafra. A situação mudou com a chegada da Coopercaf e das demais cooperativas de transportes.

"Nossa região é totalmente agrícola. Se o motorista era daqui, precisava buscar trabalho em outros estados para conseguir manter a renda quando terminava a safra daquele ano", diz Koehler. "Antes, a demanda era de um ou dois meses no ano. O benefício de se associar a uma cooperativa é que tem trabalho o ano todo."

A parceria entre as duas cooperativas tem gerado inúmeros

frutos, inclusive para a Copacol. Fundada em 1963 no interior do Paraná, a cooperativa reúne os principais produtores de frango e peixe do estado. Atualmente, conta com 6 mil cooperados e exporta os produtos para todo o Brasil e mais de 50 países.

De acordo com o superintendente de logística da Copacol, Itamar Ferrari, esse número só foi alcançado graças à cooperação entre cooperativas. "A intercooperação nada mais é do que ser atendido por uma cooperativa de uma área ou de um ramo que não é o meu. Serve para que elas, cada uma no seu segmento, se fortaleça ainda mais", diz, destacando a parceria de décadas com a Coopercaf. "Antigamente, eram motoristas individuais que trabalhavam conosco. O que viram lá atrás foi a necessidade de criar uma cooperativa de transporte, para atender a Copacol e os próprios cooperados."

Aliança no Sul

A intercooperação da Copacol se estende a outras cooperativas do Paraná. Além da Coopercaf, tem forte parceria com a Cotriguaçu, focada em contêineres; com a Frimesa, maior central de cooperativas de abate e processamento de suínos do Paraná e uma das maiores empresas do Brasil de recebimento de leite; e com a Coagru, da agropecuária.

Ferrari destaca, ainda, a intercooperação feita com as cooperativas de crédito. "A Sicredi Nossa Terra, de Cafelândia, iniciou suas atividades como um braço financeiro dentro da Copacol", diz o superintendente, salientando que a maioria dos associados da Copacol também são associados de alguma instituição de crédito, como Sicoob, Cresol e Sicredi.

O Sicredi, por sua vez, possui cooperativas entre as 10 maiores de crédito do Brasil, como Sicredi Central PR/SP/RJ, Sicredi Vanguarda PR/SP/RJ e Sicredi União PR/SP. O Sicredi Nossa Terra PR/SP, braço sudoeste paranaense da cooperativa, surgiu em 1988 com o nome de Cooperativa de Crédito Rural (Credicopa), formado por 47 agricultores da Copacol. Em 1999, se desvinculou da cooperativa-mãe e, em 2008, passou a se chamar Sicredi Nossa Terra. Hoje, além da região de Cafelândia, atende cooperados de outros 13 municípios do Paraná e de São Paulo, tanto da agropecuária como do transporte.

Maura Carrara, presidente do Sicredi Nossa Terra, destaca a importância da intercooperação com cooperativas do interior do Paraná, com destaque para as cooperativas de consumo, canavieiro e de transporte, para um efeito dominó na expansão das demais cooperativas locais. "A intercooperação sistêmica assegurou especialmente o fortalecimento, o ganho de escala e a segurança que o setor exige. E, na soma de tudo isso, quem ganha são os associados e as comunidades com cooperativas pujantes", afirma.

Rota de Crescimento

Já em Curitiba, um trabalho de intercooperação entre cooperativas de transporte e de crédito tem rendido frutos importantes para os trabalhadores autônomos. A Transpocred, cooperativa de crédito de Santa Catarina, chegou ao Paraná em 2018 e,

"A INTERCOOPERAÇÃO SISTÊMICA ASSEGUROU ESPECIALMENTE O FORTALECIMENTO, O GANHO DE ESCALA E A SEGURANÇA QUE O SETOR EXIGE."

Maura Carrara,
Presidente Sicredi Nossa Terra

até o ano passado, já se expandiu para municípios do interior, como Cascavel, Londrina e Maringá, com previsão de começar a operar em Foz do Iguaçu ainda este ano.

Focada em crédito para cooperados do Ramo Transporte, a Transpocred abriu um posto de atendimento junto ao Sindicato das Empresas de Transporte de Cargas no Estado do Paraná (Setcepar). Além de atender seus associados, tem feito um trabalho conjunto com os motoristas autônomos ligados à Federação das Empresas de Transporte de Cargas do Estado do Paraná (Fetranspar).

Mas o foco está entre as cooperativas de transporte do estado. O gerente da Transpocred em Curitiba, Jacson Melo, destaca o desejo de ampliar ainda mais o alcance entre os associados paranaenses. Hoje, atua fortemente com três cooperativas de cargas e transporte rodoviário no Paraná: Cooperleste, em Piên; Cooplog, em Maringá; e a CTA, em Astorga. "Mas o desejo é expandir cada vez mais no estado, e queremos nos aproximar das outras 32 cooperativas de transporte", diz Jacson.

Atualmente, a cooperativa conta com 2.258 cooperados (pessoas física e jurídica) em todo o Paraná. Desde 2018, já liberou mais de R$ 67 milhões em operações de crédito no estado, relacionados a empréstimos e financiamentos. Segundo Jacson, cooperativas de crédito como a Transpocred "são importantes porque são segmentadas, ou seja, nascemos dentro da área de transporte e sabemos como o negócio funciona. Temos conhecimento dos produtos e serviços que casam com eles, como os tipos e preços de caminhões novos e usados, como funciona o capital de giro, assim por diante. Por isso conseguimos oferecer créditos a valores mais baixos para os motoristas".

Em Alta

Apesar da pandemia de Covid-19, o ano de 2020 trouxe alguns resultados benéficos para as cooperativas paranaenses. De acordo com levantamento feito pela área de monitoramento do Sistema Ocepar, no Paraná, as 59 cooperativas agropecuárias do estado tiveram um crescimento de 36,7% no ano passado, com valor que superou R$ 100 bilhões — número alcançado graças à intercooperação.

A intercooperação é considerada o sexto princípio fundamental do cooperativismo, segundo o congresso coordenado pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI). De acordo com o superintendente do Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar), Robson Mafioletti, a intercooperação é fundamental para o ganho em escala. "Quanto mais cooperativas estiverem juntas, maior é a quantidade produzida, e até mesmo a aquisição de insumos e matérias-primas. Isso reflete na qualidade e no valor dos produtos e serviços ofertados pelos cooperados", diz ele.

Mafioletti destaca o trabalho feito pela Transpocred, de Santa Catarina, e a parceria com a Fetranspar e Setcepar; e a Evolua, cooperativa de crédito de Francisco Beltrão, no sudoeste paranaense, trazendo inúmeros benefícios para seus associados. "[A intercooperação] foi importante para trazer crédito. Afinal, esse é o insumo de qualquer negócio e qualquer empreendimento", afirma.

O superintendente ainda ressalta a intercooperação entre outras cooperativas agropecuárias do estado, como Castrolanda, Frísia e Capal — responsáveis por leite, carne suína e trigo, respectivamente —, e que formaram a Unium. Com menos de quatro anos de existência, o faturamento em conjunto das três cooperativas cresceu 21,6% e o número de cooperados aumentou em 45,5%, se comparado com 2014, segundo relatório da própria marca. Outro destaque é a Cotriguaçu, central logística ferroviária formada por Coopavel, Copacol, Lar e C. Vale, que investiu R$ 300 milhões para a construção do novo corredor de exportações no Porto de Paranaguá.

Brasil mais Cooperativo

Na manhã de 25 de junho de 2021, lideranças cooperativas das regiões Sul e Nordeste se reuniram com técnicos de entidades; com o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas; o representante do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), Cristian Fischer; e o Secretário de Agricultura Familiar e Cooperativismo no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Fernando Schwanke, para debater o Projeto Eixo Intercooperação do Programa Brasil Mais Cooperativo.

O projeto é um exemplo de como a intercooperação pode ajudar as cooperativas de diferentes regiões e áreas, inclusive do outro lado do país. Liderado pela OCB e pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), foram reunidas 24 cooperativas de sete estados do Nordeste com nove cooperativas dos três estados do Sul. Segundo o superintendente da Ocepar, Robson Mafioletti, as reuniões já estão avançadas e esperam que os trabalhos de intercooperação do projeto comecem em breve. "Temos várias possibilidades de parcerias. São cooperativas agropecuárias e que poderão comercializar os produtos do Paraná para a Região Nordeste, incluindo hortifrúti, queijos, carnes e mel", diz.

De acordo com o presidente do Sistema OCB, essa é uma iniciativa importante de incentivo à intercooperação. "Não será fácil, mas valerá a pena quando cumprirmos com esse processo de integração. Uniremos esforços para que as cooperativas possam trocar informações e se desenvolver de forma conjunta. Precisamos de resiliência, e o apoio do governo é fundamental como alavanca, além da parceria com o IICA, que poderá abrir portas para outras integrações. Agradeço a cada uma das cooperativas que aceitaram o convite desta parceria", frisou o dirigente.

Apesar de o programa não contar com cooperativas de crédito da Região Sul, quem trabalha no setor vê a iniciativa com otimismo. Jacson Melo, gerente da Transpocred, afirma que tanto as cooperativas de transporte como as de crédito serão beneficiadas indiretamente.

"O Brasil Mais Cooperativo é focado nas cooperativas agrícolas. Mas, a partir do momento em que aumentarem o rendimento graças ao incentivo de programas como esses, os motoristas terão mais trabalhos, terão uma demanda ainda maior por novas peças e veículos, e, consequentemente, aumentará a busca por crédito", completa.

DIAS MELHORES *para sempre*

ESSA FOI A MENSAGEM CENTRAL DO DIA C 2021, QUE CELEBROU AS INICIATIVAS DE RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL REALIZADAS PELAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS QUE, JUNTAS, JÁ BENEFICIARAM 20 MILHÕES DE PESSOAS

Por Adriana Caitano

Luz em meio à escuridão. Assim podem ser definidas as ações de impacto social que as cooperativas de todo o país têm executado em tempos tão difíceis. Quando a Covid-19 chegou tirando vidas, interrompendo sonhos e tornando mulheres e crianças vulneráveis à violência, a ação desses grupos em parceria com as comunidades ajudou a iluminar a vida de milhares de brasileiros. Algumas dessas histórias foram contadas na celebração do Dia de Cooperar 2021, o nosso Dia C — movimento nacional de responsabilidade socioambiental das cooperativas brasileiras.

Assim como em 2020, o evento deste ano foi realizado virtualmente, ao vivo, no YouTube e no Facebook do Sistema OCB. "Queríamos mostrar ao Brasil um pouco do que as cooperativas têm feito para minimizar os impactos da pandemia na vida das pessoas e na economia. Porque cooperativismo é isso: gente cuidando de gente! Além disso, queríamos celebrar o fato de nada — nem mesmo a crise pela qual estamos passando — conseguir ofuscar a paixão que nós, cooperativistas, temos pelas pessoas e pelo nosso jeito ético e sustentável de fazer negócios", explicou o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas.

Foi como disse a mestre de cerimônia do evento, Gisele James: estamos vivendo, sim, um momento preocupante,

mas é preciso encontrar tempo para festejar as pequenas e grandes vitórias de quem está plantando o bem neste cenário de crise. E é isso que nós faremos agora, nesta reportagem. Confira!

Flores em você

A pandemia do novo coronavírus obrigou o mundo inteiro a recalcular rotas, repensar comportamentos, criar caminhos diferentes. Para as integrantes da Cooperativa de Floricultores do Estado da Paraíba (Cofep), renascer da tristeza e da dificuldade não era algo novo. No fim dos anos 1990, o grupo majoritariamente feminino já havia surgido do caos, com o fechamento das usinas de cana-de-açúcar da região. Desemprego, desespero e alto índice de violência doméstica tomaram conta da cidade de Pilões e aquelas mulheres decidiram começar do zero, estudando sobre o cultivo de flores, que não era comum no estado.

Mesmo sendo chamadas de loucas e sofrendo preconceito, acabaram tornando-se referência nacional na plantação de crisântemos, rosas e gérberas; ganharam prêmios, passaram a exportar suas flores para fora do Brasil. "Essa ação resultou como uma carta de alforria para as mulheres daquela região porque a autonomia que elas adquiriram mudou tudo", relata Karla Cristina Rocha, uma das fundadoras da Cofep.

Mas com a pandemia, a cooperativa, antes visitada por gente de todo o mundo, ficou novamente vazia de produção, de recursos e de esperança. "A flor está em todo momento da nossa vida, do nascer ao morrer, mas com essa doença, não teve mais casamento, festa, comemoração nem mesmo velório", lamenta Maria Helena dos Santos, presidente da Cofep. "Então vimos nossas estufas vazias, perdemos todo nosso investimento e nada de renda chegando à nossa casa".

Sem fonte de renda, as mulheres retornaram para a dependência dos maridos e, consequentemente, os casos de violência doméstica voltaram a aumentar. Mais uma vez foi preciso partir do zero e elas lembraram como são fortes. "No meio da pandemia, nasceu a solução de mais um problema, o grupo se reuniu e teve a ideia de produzir hortaliças orgânicas, porque foi possível aproveitar toda a estrutura das estufas que anteriormente eram usadas para o cultivo das flores", explica Karla Cristina.

A nova produção ganhou volume e devolveu a autonomia para aquelas mulheres. Hoje elas já fazem planos para conciliar a produção de hortaliças com as flores, que devem voltar em breve. "Provamos que todo desafio que vier a gente topa e enfrenta, mostramos para todo mundo que somos unidas, fortes, vencemos e vamos vencer mais ainda", comemora Maria Helena.

Esporte do bem

A vulnerabilidade social do bairro de Itararé, em Vitória, Espírito Santo, também ficou mais evidente com a pandemia da Covid-19. E foi ali que prosperou mais uma ação cooperativista celebrada nacionalmente. Crianças e jovens que sofriam com a reclusão da quarentena, sem escola, sem convívio social, receberam com um sorriso no rosto o projeto "Esporte do Bem", de iniciativa do instituto Unimed Vitória. As aulas de basquete e futebol oferecidas gratuitamente a alunos de 7 a 14 anos, desde outubro de 2020, encheram de alegria a comunidade.

Sheila Marinho Norberto, mãe de Gabriel Marinho, de 8 anos, conta que o filho chegou a ficar depressivo com o isolamento e

"PROVAMOS QUE TODO DESAFIO QUE VIER A GENTE TOPA E ENFRENTA, MOSTRAMOS PARA TODO MUNDO QUE SOMOS UNIDAS, FORTES, VENCEMOS E VAMOS VENCER MAIS AINDA."

Maria Helena,
presidente da Cofep

só melhorou com a chegada da equipe da Unimed Vitória. "Essa oportunidade foi muito boa, vendo o momento que a gente estava muito dentro de casa, sem poder sair por causa da pandemia, quando veio o projeto nós ficamos muito animados", comenta a mãe. "Eu fiz uns 100 amigos já", conta o pequeno, empolgado e sorridente. O projeto por enquanto atende a 110 crianças com segurança, e começa a se expandir para outras comunidades da região.

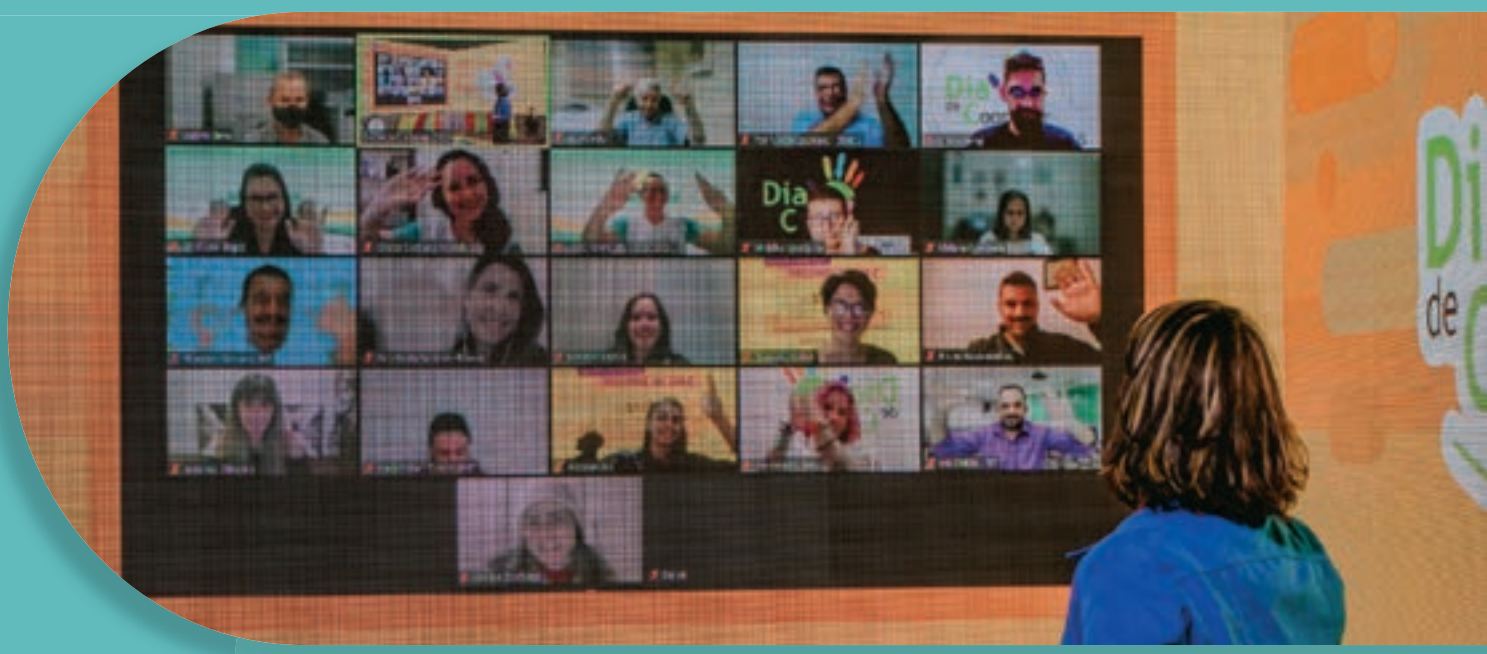
A ideia é chegar a 300 alunos quando a situação da pandemia permitir. "O 'Esporte do Bem' é nosso catalisador, com ele a gente tenta potencializar a transformação social para integrar várias outras ações", explica o diretor executivo da Unimed Vitória, Cosme Péres. Em fevereiro deste ano, por exemplo, o grupo organizou o Dia do Bem, oferecendo atendimento médico, nutricional, farmacêutico e de fisioterapia para as crianças e adolescentes que fazem parte do projeto e seus familiares.

Cooperação para salvar vidas

Além de todos os efeitos emocionais e econômicos, a pandemia da Covid-19 trouxe as altas taxas de mortes e internações, sobrecarregando ainda mais a já escassa estrutura do Sistema Único de Saúde (SUS). Assistir a esse cenário de braços cruzados não foi uma opção para os cooperados do Sicredi Ouro Verde, da cidade de Lucas do Rio Verde, no Mato Grosso. Mesmo também vivendo dificuldades por conta da crise que tomou o mundo, eles escolheram contribuir de verdade para minimizar a dor alheia.

Num movimento unificado, 95 mil associados do Sicredi abriram mão do recurso vindo de suas contribuições para auxiliar o trabalho dos profissionais de saúde da região. "Vimos que muitos irmãos nossos estavam sem saber o que fazer diante de tanta dificuldade e procuramos especialistas na área para mostrar do que precisavam mais", relata o presidente da cooperativa, Eledir Pedro Techio. "Entendemos que, se nós salvássemos uma vida, já teria valido a pena nosso investimento".

Assim, o grupo criou o"Cooperação para salvar vidas" e conseguiu doar R$ 5 milhões para a compra de equipamentos de proteção individual (EPIs) e aparelhos para as Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) de hospitais que atendiam pacientes com Covid. Além da própria contribuição, a cooperativa ainda incentivou a comunidade a complementar o auxílio."Essas ações sem dúvida alguma contribuíram com o salvamento de muita gente, podemos



dizer que somos corresponsáveis pelas mais de 400 mil vidas recuperadas no nosso estado", comemora a presidente do Conselho Regional de Medicina do Mato Grosso (CRM-MT), Lucia Helena Sampaio, com a voz embargada.
"Estranho seria a gente não se emocionar falando de toda essa nossa trajetória no enfrentamento à Covid", acrescenta Gabriela Refatti, diretora do Hospital São Lucas, um dos atendidos pelo projeto. Com a ajuda dos cooperados e da comunidade, a unidade de saúde conseguiu abrir mais 30 leitos de UTI. "Quando a pandemia nos pegou de frente nos sentimos muito desamparados, mas, ao receber ações como essa que teve o Sicredi como uma mão amiga segurando a instituição, a gente conseguiu ao menos vislumbrar uma certa tranquilidade nesses momentos delicados", complementa a diretora.

Dignidade para todos

Sintonizadas com o Dia C, as cooperativas atuam também para melhorar o ambiente em que vivem tantas pessoas em regiões vulneráveis. Assim, surgem projetos de sustentabilidade, como o da Unimed Belém, que atua pelo desenvolvimento da região do Marajó, no Pará. Este ano, o trabalho do grupo foi direcionado à comunidade ribeirinha da vila do Palheta, que vive do extrativismo vegetal, da pesca e da caça e que tem quase nenhum acesso a serviços públicos, principalmente de saúde.
A ação da cooperativa tem sido voltada para o saneamento básico, com a implantação de 44 banheiros ecológicos para os 140 moradores locais. "Depois de fazer uma visita técnica para ver a situação real da comunidade, nós percebemos que a região era vítima de muito descaso por parte do poder público", argumenta Eduardo Abrahão, assessor de sustentabilidade da Unimed Belém.

A assessora de Promoção Social do Sistema OCB/PA, coordenadora do Dia C no estado e articuladora do projeto, Flávia Gil, destaca o impacto direto para a população. "O principal é perceber como a semente do cooperativismo pode transformar a realidade e trazer sustentabilidade, pois essa ação vai ter resultado não só para a geração de agora, mas também para as próximas", comenta.

Dia de Cooperar

Planeta água

No Paraná, o projeto "Nossa Água" também leva a visão sustentável a comunidades vulneráveis. Coordenada pela Cooperativa Agroindustrial Integrada, a ação tem origem e foco na preocupação com a finitude dos recursos hídricos da Terra.

As atividades de conscientização ambiental já existem desde 2006, mas com o tempo o grupo tem atuado também em outras

frentes, como o repovoamento de rios e a recuperação de nascentes. Nesses 15 anos, já foram plantadas mais de 1 milhão de mudas pelo projeto. "Acreditamos que o desenvolvimento sustentável inicia hoje para que as futuras gerações possam também usufruir dos recursos naturais", explica a coordenadora de sustentabilidade da cooperativa, Ana Lúcia Almeida.

E já é possível colher os frutos desse empenho ao observar a fala articulada da estudante Amanda Salvetti, de 16 anos, que participa do projeto desde bebê. "Eu tive o privilégio de receber essas informações organizadamente quando criança e agora eu consigo visualizar os benefícios", conta a jovem. "Nós temos hoje um ar mais puro, uma vegetação deslumbrante, paisagens que são fenomenais e eu acredito que, se cuidarmos do nosso presente, as próximas gerações poderão usufruir mais ainda do contato com a natureza."

NÚMEROS

+ de 20 milhões de pessoas
foram impactadas pelas ações de responsabilidade social do Dia C desde o lançamento do programa, há 12 anos

+ de 11 mil projetos
realizados nesse período

1 em cada 4 municípios brasileiros
é beneficiado por programas de responsabilidade social promovidos por cooperativas

SOMENTE EM 2021...

1.295 iniciativas previstas

1.277 voluntários

133 mil pessoas beneficiadas

Doando energia

Cuidar do planeta utilizando os princípios do cooperativismo tem sido o lema do Sistema Ocemg na execução do Programa de Energia Fotovoltaica do Cooperativismo Mineiro (MinasCoop Energia). O projeto, lançado este ano, incentiva as cooperativas de Minas Gerais a construírem usinas de energia limpa e autossuficiente e a doarem parte da produção para unidades de saúde do estado.

Uma das beneficiadas pelo programa será a Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, que gasta mensalmente R$ 100 mil com as contas de energia e poderá economizar mais de R$ 1 milhão por ano quando a doação da usina chegar, ainda em 2021. "Nós sabemos que esse hospital vive com dificuldades imensas e sempre pensamos em ajudá-los e fazer disso um processo para que possa ter impacto do ponto de vista ambiental, econômico e social", comenta Garibalde Mortoza Jr, presidente do Sicoob Credicom, que também integra a ação.

O presidente do Sistema Ocemg e um dos idealizadores do Dia C, Ronaldo Scucato, comenta que a expectativa sobre o MinasCoop Energia é grande pelo potencial de reprodução da ideia no restante do país. "Já temos a confiança e a participação de quase 20 cooperativas e contamos com todas para que essa iniciativa também se torne um grande exemplo de como o cooperativismo promove transformações", conclui.

"JÁ TEMOS A CONFIANÇA E A PARTICIPAÇÃO DE QUASE 20 COOPERATIVAS E CONTAMOS COM TODAS PARA QUE ESSA INICIATIVA TAMBÉM SE TORNE UM GRANDE EXEMPLO DE COMO O COOPERATIVISMO PROMOVE TRANSFORMAÇÕES"

Ronaldo Scucato,
presidente do Sistema Ocemg

Qual é a música?

Para assistir à íntegra do evento, escaneie este QR Code com seu celular

Uma das principais atrações do Dia C 2021 foi a trilha sonora. As cooperativas que tiveram suas histórias contadas no evento ganharam uma música especial, cantada pela banda CONECTA — formada por músicos de Brasília que, assim como as nossas coops, viveram a superação da pandemia. Olha que maravilha a seleção:

Cooperativa: Unimed Vitória (ES)
Música: Sementes do Amanhã, Gonzaguinha
Trecho:
"Ontem o menino que brincava me falou
Que o hoje é semente do amanhã
Para não ter medo, que esse tempo vai passar
Não se desespere não, nem pare de sonhar"

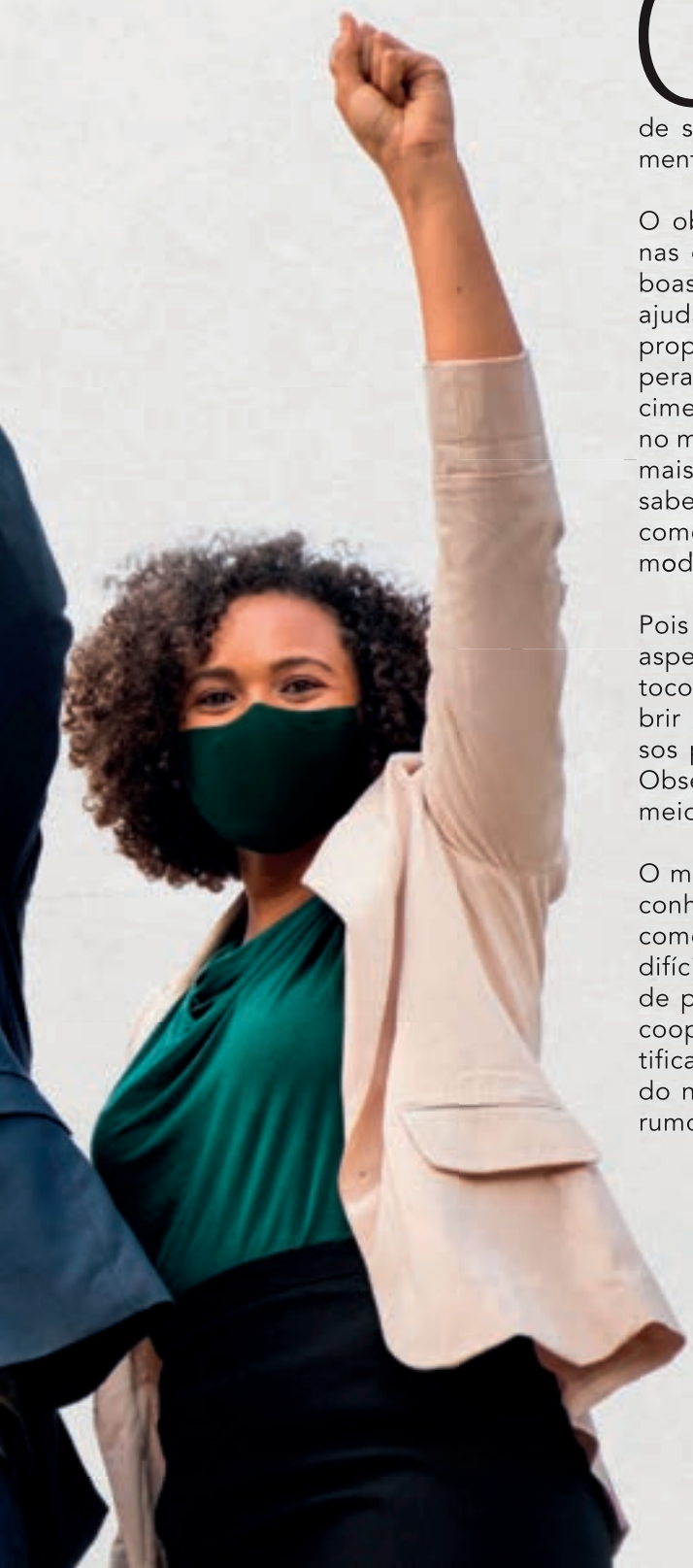
Cooperativa: Cooperativa Integrada (PR)
Música: Planeta Água, Guilherme Arantes
Trecho:
"Águas escuras dos rios
Que levam a fertilidade ao sertão
Águas que banham aldeias
E matam a sede da população"

Cooperativa: Cooperativa dos Floricultores do Estado da Paraíba
Música: Anunciação, Alceu Valença
Trecho:
"Na bruma leve das paixões que vêm de dentro
Tu vens chegando pra brincar no meu quintal
No teu cavalo
Peito nu, cabelo ao vento
E o sol quarando nossas roupas no varal"

Cooperativa: Unimed Belém (PA)
Música: Sal da Terra, Beto Guedes
Trecho:
"Um mais um é sempre mais que dois
Para melhor construir a vida nova
É só repartir melhor o pão
Recriar o paraíso agora
Para merecer quem vem depois"

PDGC: AVALIAR A QUALIDADE FAZ AS COOPERATIVAS *crescerem*

PROGRAMA DO SESCOOP ESTIMULA NOSSAS COOPS A CONHECEREM OS PONTOS FORTES E FRACOS DE SUA GESTÃO E GOVERNANÇA. ASSIM, ELAS PODEM TRAÇAR ESTRATÉGIAS EFICIENTES PARA ALCANÇAR MELHORES RESULTADOS



Por Morillo Carvalho

Quando se sabe onde se está e aonde é preciso chegar, fica mais fácil caminhar na direção certa. Partindo desse princípio, o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) criou uma iniciativa cuja sigla rimada é gostosa de ser pronunciada: PDGC — Programa de Desenvolvimento da Gestão das Cooperativas.

O objetivo do programa é ajudar a melhorar a gestão nas cooperativas brasileiras, promovendo a adoção de boas práticas de governança cooperativa. E, para lhe ajudar a entender melhor essas quatro letrinhas, vamos propor o seguinte exercício: que tal pensar na sua cooperativa como se fosse um ser humano ávido por crescimento profissionalmente? Ele já atua há algum tempo no mercado, mas percebe que poderia se destacar ainda mais se investisse em si mesmo. O problema é que não sabe direito por onde começar... É justamente aqui que começa a nossa jornada rumo ao crescimento: do incômodo de saber que se pode fazer mais.

Pois bem. O primeiro passo para crescer em qualquer aspecto — pessoal ou profissionalmente — é buscar autoconhecimento. Conhecendo-nos fica mais fácil descobrir quem somos e os nossos anseios. Estudando nossos pontos fracos, temos instrumentos para corrigi-los. Observando nossos pontos fortes, conseguimos buscar meios de aprimorá-los.

O mesmo vale para a sua cooperativa. Elas precisam se conhecer melhor para crescer. Acontece que — assim como ocorre com os seres humanos — muitas vezes é difícil fazer essa autoanálise. Enquanto pessoas precisam de psicólogos, professores e mentores para crescer, as cooperativas precisam do PDGC — iniciativa que identifica os pontos fortes e as oportunidades de melhoria do negócio, organiza todas as informações e propõe o rumo correto a seguir.

O programa segue uma metodologia criada pela Fundação Nacional da Qualidade (FNQ), que já havia elaborado diretrizes para melhorar a gestão das cooperativas antes mesmo de o PDGC surgir. O ponto de partida é a realização de uma autoavaliação completa, baseada em dois questionários voltados para os pontos principais do programa:

• Governança: baseado no Manual de Boas Práticas de Governança Corporativa do Sistema OCB, que serve de modelo para as cooperativas;
• Gestão: baseado no Modelo de Excelência da Gestão (MEG), modelo nacional de qualidade de gestão.

Assim que responde esses dois questionários, a cooperativa recebe de forma automática uma avaliação completa, que mostra:

• os pontos fortes nos quais a cooperativa está indo bem;
• os pontos de melhoria, com base em oportunidades que a cooperativa pode aproveitar melhor; e
• os indicadores de desempenho que a cooperativa pode usar para medir o progresso nos pontos de melhoria apresentados.

Evolução Constante

Voltando ao exercício de comparar uma cooperativa a um ser humano: todos nós acumulamos conhecimentos que condizem com o estágio de nossas vidas. Na infância, as informações básicas; a juventude e suas descobertas; a idade adulta e a maturidade, coroadas com a sabedoria acumulada por anos de experiência. O PDGC também avalia as cooperativas conforme seu estágio evolutivo.

"O PDGC traz exatamente isso. Se você quer subir e evoluir em relação ao caminho da excelência, você vai buscando cada vez melhores práticas, melhores processos gerenciais. É para que você tenha sua gestão ainda mais evoluída; não significa que a gestão está ruim, né?", resume a coordenadora do Núcleo de Gestão de Cooperativas do Sescoop/SP, Andrea Pinheiro, coordenadora do PDGC no estado.

O primeiro nível da escala evolutiva do PDGC é chamado de Primeiros Passos. É comum que, quando a cooperativa faça a adesão ao PDGC, esteja neste degrau.

A evolução do primeiro nível resulta no segundo, o Compromisso com a Excelência. É um estágio intermediário, quando a cooperativa passa a medir sua gestão e avaliar seus resultados. O terceiro estágio, também intermediário, mais maduro, é o Rumo à Excelência, quando o sistema de gestão e governança da cooperativa está em franca evolução e demonstra competitividade e ótimos resultados. O último estágio é o objetivo final, o avançado: a excelência.

Para acompanhar a própria evolução, as cooperativas inscritas no PDGC são convidadas a se autoavaliar, anualmente, e a implantar as sugestões de melhorias realizadas pelo Sescoop, com base no diagnóstico da cooperativa. Tem início um ciclo formado pela sigla PDCL, que significa Planejar, Fazer, Verificar e Aprender (Plan, Do, Check, Learn).

Todos os anos, novos ciclos do Programa são abertos. Desde que teve início, em 2013, estima-se que mais de 2 mil cooperativas já tenham aderido ao PDGC.

Compromisso com a excelência

Em São Paulo, uma cooperativa se destaca pelo compromisso com a excelência da gestão: o Sicoob Coopmil. Fundada em 1989, a singular atende cerca de 60 mil associados, entre policiais militares e civis, servidores da Secretaria de Segurança Pública, pensionistas, funcionários da Cruz Azul e das Guardas Civis Municipais. São mais de vinte anos a serviço de um público exigente, trazendo resultados. Por isso, hoje o Sicoob Coopmil conta com 35 postos de atendimento espalhados em todo o estado, incluindo a capital paulista.

Apesar do histórico de sucesso, a cooperativa decidiu avaliar sua gestão em 2014 e se deparou com um amplo campo de evoluções necessárias. Na época, ainda não havia o PDGC; por isso, a diretoria optou por um outro modelo de avaliação: o CMMI (sigla em inglês para Modelo Integrado de Maturidade em Capacitação). "O processo do CMMI tem cinco níveis de maturidade. Naquela oportunidade, quando nós fizemos essa avaliação, chegamos à conclusão de que estávamos apenas no nível dois, então havia muito espaço para melhorias", explicou o diretor de Negócios do Sicoob Coopmil, Coronel Wellington Venezian.

Logo no início, a singular estabeleceu metas ambiciosas. "Queríamos que todos os processos ligados ao associado fossem certificados pela ISO 9001/2015. Conseguimos a certificação em 2016. Fomos a segunda instituição no Brasil a conquistá-la; com isso, subimos para o nível três no CMMI", recorda.

Ao saber do lançamento do PDGC, Venezian optou por mudar de programa de avaliação de gestão. "Nós precisávamos de um apoio mais robusto, né? Que pudesse levar a cooperativa à excelência, à maturidade e que tivesse relação direta com o nosso modelo de negócios. Por isso, adotamos o PDGC."

A Norma ISO 9001 2015 incentiva a qualidade dos processos de uma organização, por meio da aplicação de importantes requisitos, como: planejamento das atividades; definição de metas; implementação de planos de ação; e relacionamento com clientes, fornecedores e colaboradores.

Já em 2017, a cooperativa foi reconhecida na categoria Bronze pelo Prêmio SomosCoop Excelência de Gestão, no estágio "Compromisso com a Excelência". Em 2019, foi prata na mesma categoria. Decidiram, então, que este ano buscarão o reconhecimento na modalidade "Rumo à Excelência", o último estágio premiável (já que o nível "Excelência" ainda não está disponível). O objetivo é alcançar o último estágio em 2025, ou seja, depois de dois ciclos no "Rumo" certo.

"O que nós buscamos é fazer do Sicoob Coopmil uma organização de referência nas melhores práticas de governança e gestão do Ramo Crédito. Sabemos que essas práticas geram resultados e, acima de tudo, a sustentabilidade do nosso negócio", resume o coronel.

Qualidade no Rio Grande do Sul

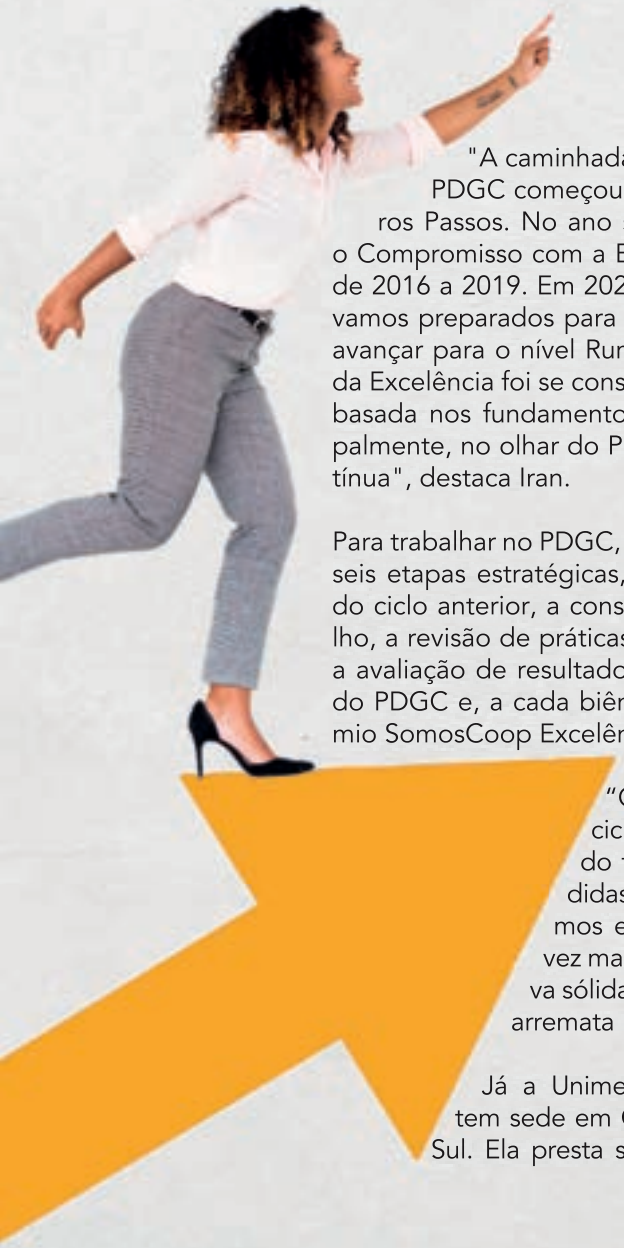
Os gaúchos têm no analista técnico do Sescoop/RS Guilherme Quadros uma referência para tirar dúvidas e ficar por dentro do PDGC. "O programa é ferramenta indispensável no momento que vivemos. O diagnóstico da governança e da gestão gera insumos para a melhoria contínua e a sustentabilidade das nossas cooperativas, seja qual for o seu ramo, porte ou tempo de atuação", diz. Foi a partir das indicações dele que a Saber Cooperar chegou a dois cases de sucesso em relação ao PDGC no estado: a Unimed Central de Serviços, de Canoas (RS); e a Sicredi UniEstados, de Erechim (RS).

"A Sicredi UniEstados teve início em 14 de abril de 1981, quando um grupo de agricultores de Erechim juntou forças para constituir a sua cooperativa de crédito. Em 1992, ingressamos no Sicredi e passamos a fazer parte de um sistema nacional, fato que fortaleceu a nossa atuação local. Em outubro de 2006, com uma estrutura já sólida e bem-vista pelo Banco Central, conseguimos aprovação para nos tornarmos uma cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados, passando a atender outros públicos, além do rural", lembra o coordenador de Processos e Qualidade da Sicredi UniEstados, Iran Joel Bandurka.

O que era uma cooperativa pequena tornou-se, com o tempo, uma gigante. Desde 2006, expandiu-se para Santa Catarina e, mais recentemente, para Minas Gerais, somando 105 mil associados em 45 municípios nesses três estados. Era, claro, preciso organizar a gestão e ter instrumentos corretos para crescer mais e melhor.

“O PDGC, EM TODOS OS SEUS CICLOS, NOS DEIXA A VALIDAÇÃO DO TRABALHO E AS LIÇÕES APRENDIDAS, NOS MOTIVANDO A SEGUIRMOS EM FRENTE, BUSCANDO, CADA VEZ MAIS, CONSTRUIR UMA COOPERATIVA SÓLIDA, SUSTENTÁVEL E INOVADORA”

Iran Joel Bandurka,
Coordenador de Processos e Qualidade da Sicredi UniEstados



"A caminhada da Sicredi UniEstados no PDGC começou em 2015, no nível Primeiros Passos. No ano seguinte, avançamos para o Compromisso com a Excelência, permanecendo de 2016 a 2019. Em 2020, identificamos que estávamos preparados para novamente nos desafiar e avançar para o nível Rumo à Excelência. A cultura da Excelência foi se consolidando nestes anos, embasada nos fundamentos da Excelência e, principalmente, no olhar do PDGC para a melhoria contínua", destaca Iran.

Para trabalhar no PDGC, a cooperativa estabeleceu seis etapas estratégicas, que passam pela análise do ciclo anterior, a construção do plano de trabalho, a revisão de práticas de governança e gestão, a avaliação de resultados, a participação no Ciclo do PDGC e, a cada biênio, a participação no Prêmio SomosCoop Excelência de Gestão.

“O PDGC, em todos os seus ciclos, nos deixa a validação do trabalho e as lições aprendidas, nos motivando a seguirmos em frente, buscando, cada vez mais, construir uma cooperativa sólida, sustentável e inovadora”, arremata Iran.

Já a Unimed Central de Serviços-RS tem sede em Canoas, no Rio Grande do Sul. Ela presta serviços para as cooperativas do Sistema Unimed, hospitais, clínicas, laboratórios e cooperativas de crédito de todo o Brasil.

Desde 2009, a entidade tem como norteador de suas atividades e estratégias o Modelo de Excelência em Gestão (MEG) — metodologia também criada pela Fundação Nacional da Qualidade para avaliar a maturidade da gestão das organizações. Mas a Unimed Central de Serviços encontrou no PDGC a oportunidade de potencializar o processo de aprendizado organizacional, no que tange às boas práticas de gestão e governança. Em 2019, participou pela primeira vez, e foi possível identificar e promover as melhorias necessárias ao seu desenvolvimento.

Em função da pandemia da Covid-19, a cooperativa enfrentou diversos desafios, como a adoção do teletrabalho pela maior parte de seus 318 colaboradores. Foi a oportunidade, porém, de tornar a cooperativa mais conectada e digital.

Para o diretor-presidente da Unimed Central de Serviços, Jorge Guilherme Robinson, “a participação no PDGC é um estímulo permanente para mantermos o nosso nível de prontidão para a gestão da Cooperativa, e a participação no Prêmio é uma oportunidade de termos uma avaliação externa qualificada sobre as nossas práticas e os nossos resultados”.

Qualidade também em Mato Grosso e em Roraima

Sediada em Sorriso (MT), município considerado a capital brasileira do agronegócio, a Sicredi Celeiro MT RR participa do PDGC desde 2015 — segundo ano de premiação.

"A gente sempre tem um olhar mais interno da nossa cooperativa, né? E nós procurávamos uma visão externa do nosso processo de governança, das nossas práticas. Foi quando conhecemos o PDGC. Vimos no programa uma oportunidade de ter um olhar especializado, de uma entidade que conhece o cooperativismo e seria capaz de mostrar se estávamos caminhando no rumo certo. Foi isso o que nos levou a, no primeiro momento, buscar a participação no PDGC. Não tínhamos a ambição de configurar entre as melhores classificadas, os melhores pontuados", lembra o diretor executivo Marcio Luiz de Abreu.

Se o processo foi despretensioso, também despretensiosamente, já no primeiro prêmio, a Sicredi Celeiro MT RR conquistou a medalha de prata na categoria Primeiros Passos.

"Em 2017, nos inscrevemos de novo, já no segundo nível (Compromisso com a Excelência). Uma grande felicidade aqui pra toda a equipe: a gente conquistou a posição Ouro dentro dessa categoria. Com isso, cada vez mais, a expectativa aumenta. A vontade de melhorar, de realmente se superar, fez com que, em 2019, nos inscrevêssemos na categoria Rumo à Excelência, conquistando a Prata. Agora, queremos seguir melhorando para conquistar o Ouro nessa categoria", revela Marcio.

Com 31 anos de história, 380 colaboradores atuando em oito municípios mato-grossenses, a Sicredi Celeiro ganhou, em 2020, a autorização do Banco Central para atuar também em todo o estado de Roraima. São, hoje, 75 mil clientes só em Mato Grosso, e serão muito mais quando forem instalados os pontos de atendimento no novo estado de atuação — no momento, estão na pré-implantação desses pontos.

Está vendo só? Não é à toa que a cooperativa segue crescendo, mesmo em um ano difícil como o pandêmico 2020. Se quiser o segredo do sucesso, ele está nas quatro letrinhas que dão título a essa reportagem: PDGC!

CHARGE

Sonhos não morrem: são reciclados

Ilustração: Kleber Sales

SOU.COOP

Venha fazer parte de um cooperativismo mais forte!

VAMOS JUNTOS CONSTRUIR O MAIOR BANCO DE DADOS CADASTRAIS DO COOPERATIVISMO BRASILEIRO.

Precisamos entender a realidade das cooperativas, para desenvolver as melhores soluções e estratégias e divulgar cada vez mais o setor.

É MUITO FÁCIL PARTICIPAR:

acesse a plataforma SOU.COOP e mantenha o cadastro da sua cooperativa sempre atualizado.

www.sou.coop.br

somos COOP

SistemaOCB

sistemaocb

inovacoop

CONEXÃO COM STARTUPS

O Conexão com Startups vai unir cooperativas e startups para solucionar os principais desafios do cooperativismo.

QUER SABER QUAIS SÃO?

Acesse:

inova.coop.br/conexao

SistemaOCB